

NÓS DA ESCOLA

PREFEITURA DO RIO

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Educação especial



ISSN 1676-5141



9 771676 514009 00063

Cesar Maia

Prefeito

Sônia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozorio

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Jorge Eduardo Machado

Assessor de Comunicação e Ouvidor

CONSELHO EDITORIAL

Leny Datrino (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME)

Marcos Ozorio (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO)

Maria Inês Delorme (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO)

Martha Neiva Moreira (Editora/NPI-MULTIRIO)

Rita Ribes (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Silvy Rosalem (Assessora Especial do Gabinete da Secretária/SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Alneir Costa Pereira (8ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Diala Azevedo de Oliveira** (9ª CRE) • **Irinéa Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Kátia Pereira do Nascimento** (5ª CRE) • **Marcia dos Santos Gouvea** (E-DGED/DEF) • **Marcia Elizabeth N. da M. Vicente** (7ª CRE) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Valéria do Nascimento Querido** (6ª CRE) • **Vana Maria Silva de O. Sá** (1ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos e Joanna Miranda**

GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira • Bete Nogueira** (editora) • **Juliana Sartore,**

Fábio Aranha e Carolina Bessa (reportagem) • **César Garcia** (copidesque e revisão)

• **Alberto Jacob Filho** (fotografia)

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS/NTI: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação),

Adriana Simeone, Aline Carneiro, David Macedo e Gustavo Cadar (designers)

Vivian Ribeiro (produção gráfica)

Impressão: Empresa Municipal de Artes Gráficas – Imprensa da Cidade

Tiragem: 36.500 exemplares

EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriainmultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212





Desenho de Maykon da Silva Ribeiro, Turma 1502
E. M. Rostham Pedro de Farias (5ª CRE)

4 editorial

5 cartas

6 ponto e contraponto

O meio, a mensagem e o povo

12 parceria

Comunidade unida pelo social

14 carioca

Aves observadas de perto

16 MULTIRIO na web

Navegantes da dependência

17 olho mágico

Curta com olhar de criança

18 caleidoscópio

Brincadeiras que incomodam

20 professor on-line

Informação mais acessível

21 sala de professores

Necessidades educativas especiais –
velhos e novos paradigmas

24 rede fala

Qual é o espaço para hortas em escolas
urbanas?

26 capa

Dedicação incondicional

33 atualidade

Conquistas da Carta-Cidadã

36 presente do futuro

Confissões de adolescente

39 pé na estrada

Novo olhar sobre o barroco
Arte com as próprias mãos

43 foi assim

Feijoada de gêneros musicais

45 machadiano

Preferência pelas comédias

48 tudoteca

Um pouco da história dos livros
de abecedário

50 MULTIRIO na TV

Na vanguarda da educação

A matéria de capa deste mês é sobre a educação especial, com destaque para o trabalho de excelência desenvolvido pela equipe do Instituto Municipal Helena Antipoff. Criado há mais de 30 anos, o instituto hoje oferece diversas oficinas, centro de transcrição em braile e está sempre pesquisando novos recursos e metodologias para o desenvolvimento pleno dos alunos com necessidades especiais, o que deixa nossa cidade na vanguarda dessa vertente tão importante da educação. Com o aumento do número de turmas regulares que têm recebido crianças e jovens portadores de deficiência, é importante mantermos a atualização sobre esta nova realidade. O assunto ainda é abordado na seção *Sala dos professores*.

A comunicação no Brasil também vem ganhando abrangência maior. A cultura popular, produzida por comunidades à margem do desenvolvimento econômico, encontrou seu campo de atuação, nomeado de folkcomunicação. Em *Ponto e contraponto*, nosso entrevistado é o professor Carlos Henrique Medeiros de Souza, que vai explicar o que isso significa e qual a importância desses canais alternativos de informação e cultura.

Falando em cultura popular, não podíamos deixar de homenagear, no nosso cartaz, o compositor Cartola, no centenário de seu nascimento. Outra data importante são os 20 anos da última Constituição. A matéria de *Atualidade* relembra como foi aquela época e fala sobre os avanços que o país ganhou com a nova Carta. Entre os principais, segundo os especialistas ouvidos pela repórter Carolina Bessa, está a consagração dos direitos fundamentais e o enfoque nos direitos sociais.

As mudanças mundiais por conta da tecnologia são o destaque de *MULTIRIO na web*. Já somos 1,5 bilhão de internautas no mundo inteiro, o que beneficia a criação de grupos e comunidades virtuais, criando novos laços de amizade e impulsionando movimentos de conscientização.

Em *Olho mágico*, adiantamos como será a nova aventura de animação da série *Juro que vi*, que reconta as lendas brasileiras. O próximo personagem, o Saci, tem sua história recontada pelos animadores da MULTIRIO com a ajuda de alunos da rede municipal de ensino, que se divertem ao mesmo tempo em que aprendem uma nova linguagem. Diversão também está presente no encarte *Giramundo*, sobre textos humorísticos. Por fim, na nossa *Tudoteca*, este mês trazemos sugestões de livros sobre alfabetização.

Esperamos que você goste!



Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações da MULTIRIO

Campeões

Nossos alunos ganharam o campeonato de xadrez pelo Intercolegial. Como podemos divulgar essa e outras vitórias nas revistas *Escola e Família* e NÓS DA ESCOLA?

Professora Felismina

- Professora, para divulgar trabalhos em NÓS DA ESCOLA, basta enviar e-mail para multirio_dpub@rio.rj.gov.br. Sobre a revista *Escola e Família*, encaminharemos sua sugestão à Ouvidoria e à Assessoria de Comunicação da SME, esta última responsável pela publicação. Agradecemos o contato.

Onde encontrar

Sou professora de uma escola privada e acho NÓS DA ESCOLA muito interessante. Tenho como

receber as edições, mesmo não sendo da rede pública?

Professora Ingrid

- Professora, a revista é distribuída gratuitamente aos professores da rede municipal do Rio de Janeiro. No entanto, a MULTIRIO envia suas edições para bibliotecas, órgãos públicos e instituições ligadas à educação, além de disponibilizá-las em www.multirio.rj.gov.br/portal

Memória

Sou professora da rede e gostaria de sugerir uma matéria sobre o radialista, político e defensor da liberdade religiosa Átila Nunes, que dá nome a uma de nossas escolas.

- Professora, sua sugestão foi encaminhada ao nosso Conselho Editorial.

Homenagem

Quero prestar uma homenagem à dedicada professora Ruth, do Controle Funcional da SME, que sempre nos orienta de forma carinhosa.

Maria Helena

Agente de pessoal da E. M. Fernando Barata Ribeiro, Santíssimo (9ª CRE)



Correção

Na edição 62, a matéria da página 44, “Herança de sabores exóticos”, está ilustrada com uma capa de livro

homônima à referida no texto. No entanto, a imagem correta do livro de Domingos Rodrigues é a reproduzida acima.

Colecionador de nuances da natureza

Alessandro di Mariano Filipepi, mais conhecido como Sandro Botticelli, nasceu na cidade italiana de Florença, no dia 1º de março de 1445.

Seu primeiro ofício foi a ourivesaria, que aprendeu com o irmão mais velho. Somente aos 20 anos de idade começou a estudar pintura com mestres italianos.

Depois de abrir o próprio estúdio, em 1470, dedicou-se a retratar famosas famílias florentinas, especialmente a dos Médici, que o manteve sob proteção e patronato.

Com a forte influência do círculo intelectual e artístico dos Médici, pintou quadros de temática religiosa.

Na década de 1490, porém, com a expulsão dos Médici de Florença e com suas convicções religiosas postas à prova, Botticelli passou a pintar de forma austera e imprimiu a suas obras influências reformistas e pagãs.

Botticelli morreu em Florença em 17 de maio de 1510, quando triunfava na Itália a estética do alto Renascimento.

A pintura renascentista florentina, que se iniciara com

artistas como Fra Angélico e Masaccio, adquiriu na segunda metade do século XV, com Botticelli, um caráter refinado, melancólico e elegante, afastado das buscas científicas do princípio do século.

O nascimento de Vênus (que reproduzimos na quarta-capa desta edição) foi uma pintura encomendada pelos Médici, por volta de 1483, para ornamentar a residência da família, a Villa Medicea di Castello. É uma têmpera sobre tela e mede 172,5cm de altura por 278,5cm de largura. (CRISTINA CAMPOS)

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala, envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso site: www.multirio.rj.gov.br

O meio, a mensagem e o povo

TEXTO
FÁBIO ARANHA

Preservar e resgatar a cultura popular e o folclore através das novas tecnologias da comunicação, que potencializam a socialização e os registros das informações. Esse é o objetivo da folkcomunicação, campo de estudo que vem ganhando espaço no meio acadêmico. Para o doutor em comunicação e professor do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf) Carlos Henrique Medeiros de Souza, a escola tem como missão principal preparar o sujeito para se mover na sociedade, conhecer sua cultura, costumes e tradições. Cabe à comunidade escolar desenvolver ações que possam permitir esses registros, visando à socialização e à preservação das manifestações culturais brasileiras. “Um dos objetivos de se trabalhar o folclore na escola é evitar que nossos padrões tradicionais sejam substituídos por modelos exóticos”, afirma.

ACERVO PESSOAL



O que é a folkcomunicação? Como ela pode auxiliar a prática docente?

Folkcomunicação é um termo utilizado desde 1967 por Luiz Beltrão, pesquisador da área da comunicação, com o objetivo de relacionar o estudo da comunicação popular e do folclore com a difusão de meios de comunicação de massa. Tem sua importância nas camadas menos favorecidas ou à margem da grande mídia. José Marques de Melo, outro pesquisador, afirma que essa compreensão do folclore é uma cultura de resistência. Isso demonstra que ele estava antenado ao conceito de folkcomunicação como cultura dos marginalizados, defendido por Luiz Beltrão e outros estudiosos. Além de Beltrão e Marques de Melo, destaca-se uma figura importante na cultura brasileira e na difusão da folkcomunicação, o médico, pesquisador e folclorista Theo Brandão, que teve seus estudos criticados inicialmente, rotulados de heréticos e imaginosos, quando retratou o folclore alagoano. Porém, ele recebeu a devida consideração e reconhecimento com a confirmação dos seus pontos de vista pelos modernos pesquisadores da cultura popular, um quarto de século depois. Sendo a folkcomunicação, ou seja, a comunicação popular e do folclore, uma cultura de resistência, de resgate e, conseqüentemente, de preservação, os docentes poderão se utilizar dela a fim de resgatar, vivenciar e aprender, com sua própria história, tradições e costumes. Existem instituições de ensino que não valorizam tais conhecimentos, produzindo, assim, uma grande massa de excluídos culturalmente.

Numa época marcada pela tecnologia e pela globalização, qual é a importância das culturas populares?

É importante separar o conceito de tecnologia do de internet, pois a tecnologia já existe desde os tempos das cavernas, quando os homens inventaram instrumentos e técnicas para a caça, registro de gravuras etc. A internet é uma rede de computadores que utiliza recursos tecnológicos para seu funcionamento. Surgiu nos anos 90, a partir da evolução de outra rede, denominada Arpanet Americana, que foi criada nos anos 60. Um dos mais importantes recursos tecnológicos, mas que não é único, é o computador. Quanto à globalização, temos este conceito evidenciado desde a década de 70,

quando Marshall McLuhan apresentou o discurso das novas mídias, rádio e televisão como meio de acesso e convergência cultural. Acreditava, assim, que a diversidade cultural seria mais bem compreendida e publicizada. Dentro desta perspectiva, podemos compreender que o uso massivo da mídia influenciou nossa cultura popular. As manifestações chegaram até nossas casas; os programas de TV, rádio e a própria internet socializaram parte desses conhecimentos. É lógico que tudo isso foi feito dentro de uma visão capitalista.

É correto afirmar que o jovem de hoje se encontra cada vez mais distante do folclore e das manifestações culturais?

Sim, pois os valores são outros. Muitos jovens já nascem conectados em um mundo digital, permeados pelas redes e com um forte interesse pelas novas culturas tecnológicas. Mas vemos ainda muitas escolas tradicionais que não conseguem trabalhar nossas tradições e práticas culturais, fortalecendo, assim, o individualismo e a dissociação do sujeito. O folclore é a maneira de agir, pensar e sentir de um povo ou grupo, com as qualidades ou atributos que lhes são inerentes, seja qual for o lugar onde se situem. Não é apenas o passado, a tradição; ele é vivo e está ligado à nossa vida de um jeito muito forte. Por isso, é tão importante conhecê-lo. O saber folclórico é aquele que aprendemos informalmente no mundo, por meio do convívio social. Ele é universal, embora aconteçam adaptações locais ou regionais, como conseqüência dos acréscimos da coletividade. Folclore é o conjunto de coisas que o povo sabe, sem saber quem ensinou. Portanto, o jovem necessita manter contato com esta cultura a fim de conhecer e dominar o mundo que o cerca.

Como despertar o interesse por esses conteúdos?

Acredito que os primeiros valores culturais são desenvolvidos em casa, na família, posteriormente na escola e, por fim, na sociedade. Quanto mais acesso à informação ocorrer, por parte dos sujeitos, mais bem trabalhadas serão as culturas. O desenvolvimento de atividades pedagógicas em torno do folclore é uma importante contribuição na formação do espírito de cidadania e de nacionalidade do aluno. Ao mesmo tempo ►

em que ele passa a se perceber como ser universal, cidadão do mundo, ele sente necessidade de conhecer suas raízes, identificando-se com seu grupo social, sua linguagem, sua história e a de sua comunidade. O professor deve saber aproveitar o atraente, rico e variado mundo do folclore como fonte inesgotável de motivação didática e de elevada importância pedagógica. Ele precisa selecionar o que vai utilizar, pois nem toda manifestação folclórica serve como material didático. Os modelos escolhidos pelo professor precisam ser adequados à idade e ao tempo disponível para estudo e ensaio. Devem ser avaliados do ponto de vista da sua utilidade para a comunidade, identificando-se, primeiramente, os aspectos da cultura popular, no lugar onde vivem os alunos, para, depois, extrapolar limites geográficos.

Vivemos em uma sociedade em rede, permeada pelo uso dos recursos tecnológicos. Que efeitos isso tem nas práticas de ensino e que desafios traz?

A convivência entre tradição e modernidade é um desafio para as práticas de ensino no contexto da escola. A rapidez e conseqüente fluidez de acontecimentos e transformações em todas as áreas do conhecimento ocupam o nível macro da sociedade, mas resistem em nível microssozial à vontade e à ação de grupos humanos no sentido de manter e/ou redefinir suas tradições sem abdicar totalmente delas. Ao contrário, esses grupos parecem sentir a necessidade de expandir sua influência e, assim, resistir à massificação globalizada. Esta redefinição e/ou luta pela manutenção das tradições culturais vê-se defronte a novas necessidades e demandas criadas pela modernidade e transmitidas pelas novas tecnologias, rapidamente popularizadas pelo mercado.

Levando em consideração essa realidade, qual é o desafio da escola hoje?

A escola tem como desafio estimular, encantar o aluno para uma aprendizagem significativa, que, além de trabalhar o tradicional currículo, deve desenvolver atividades e ações conjuntas entre professores e alunos, por meio de trabalhos voltados para a implantação de atividades ligadas ao folclore brasileiro nas escolas, utilizando-se de instrumentos interdisciplinares,

abarcando o que constitui o domínio das chamadas ciências da cognição, da epistemologia, da história, da sociologia, da transmissão do conhecimento, da educação, da criação e da mudança. Metodologicamente, esse enfoque parte do reconhecimento de que o homem tem seu comportamento alimentado pela aquisição de conhecimento, pela construção, desconstrução e reconstrução de fazer(es) e saber(es) que lhes permitem sobreviver e transcender. A escola deve potencializar sua inteligência coletiva, ou seja, o professor deverá ser um mediador, principalmente, no processo de construção do aprendizado.

Que possibilidades se abrem nesse contexto?

Vejo as novas tecnologias da comunicação como um importante recurso tecnológico para o desenvolvimento e estímulo das culturas populares e do folclore. Segundo o professor Nelson Pretto, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a escola não pode ignorar o que se passa no mundo. As novas tecnologias de informação e da comunicação transformam, espetacularmente, não só a maneira de comunicar, mas também a de trabalhar, decidir, pensar, e ainda, introduzir, forçosamente, um novo quadro para o sistema educacional, justamente por estarem representando uma escola paralela. Sendo assim, a escola precisa aliar-se a elas e propor uma nova estratégia educativa, travando com elas um jogo dialético.

Como as tecnologias da informação podem contribuir para a preservação das manifestações culturais de um povo?

Vivemos em um país sem memória. As novas tecnologias estão potencializando a socialização e os registros das informações. Nunca foi tão fácil registrar informações. Hoje, se quisermos saber o que aconteceu em termos de movimentos culturais há 10 anos, basta pesquisar na net. Na realidade, o ciberespaço, mediado por tais tecnologias, recupera a possibilidade de ligação de um contexto que havia desaparecido com a escrita e os outros meios estáticos de comunicação. A era da comunicação virtual traz um redimensionamento da oralidade, esta, agora, numa escala planetária. Os princípios da escrita se confundem com os da oralidade,

gerando uma nova forma de comunicar. É o tipo todos e todos, em que não há distinção entre emissores e receptores; todos podem ocupar as duas posições à medida que a mensagem circula. Este, sim, é um caminho para a preservação da cultura popular.

Qual é o papel da escola na preservação destas manifestações?

A escola tem como missão principal preparar o sujeito para se mover na sociedade, conhecer sua cultura, costumes e tradições. A rede é uma importante fonte de pesquisa. Cabe à comunidade escolar desenvolver ações que possam permitir tais registros visando à socialização e a preservação de nossas manifestações culturais. Devido à complexidade que a vida humana em sociedade vem assumindo, a escola substitui a família como agente de troca da mais notável mercadoria do mundo: a cultura. O aluno leva para a escola os modelos já aprovados pela tradição, que aprendeu em casa ou na rua, e da escola traz para a família e a vizinhança as experiências mais significativas do desenvolvimento cultural. Enfim, a verdadeira missão da escola é de salvamento. Não podemos aceitar que nossa língua, música e dança sejam ameaçadas pela ingerência alienígena que destrói a nossa cultura. Um dos objetivos de trabalhar o folclore na escola é evitar que nossos padrões tradicionais sejam substituídos por modelos exóticos.

A escola de formação de professores está em sintonia com os conceitos da folkcomunicação?

Acredito que não, pois temos ainda nos centros de formação de professores velhas culturas e práticas que deverão ser superadas. A preocupação ao falar da formação docente deve-se ao fato de nos depararmos hoje com uma nova sociedade: a sociedade em rede (da informação), permeada pela utilização freqüente de recursos tecnológicos. Por outro lado, a expansão da área de estudo da folkcomunicação vem sendo realizada com a produção científica dos continuadores da obra de Luiz Beltrão e pela contribuição de pesquisadores e teóricos de outras áreas, dentro de perspectivas interdisciplinares. Segundo o professor Roberto Benjamin, da Universidade Federal de Pernambuco



ROOSEVELT PINHEIRO/AGÊNCIA BRASIL

(UFPE), os estudos da folkcomunicação estão consolidados e a sua área expandida para além do conceito inicial. Sua evolução corresponde ao desempenho dos estudiosos desta temática em acompanhar as mudanças culturais ocorridas nas últimas décadas no Brasil. Muitos deles estão nas áreas da educação e comunicação, e estão levando estas discussões para as escolas de todos os níveis.

Tradicional quadrilha de Campina Grande (PB)

Por que as escolas não aproveitam as manifestações culturais de seu entorno no currículo?

Por dois motivos: a falta de uma previsão pedagógica e legal para incorporar na sua prática pedagógica dados relacionados com a diversidade cultural, culturas, práticas locais etc. promovendo, assim, o engessamento de conteúdo, que acaba por se limitar aos livros didáticos. O segundo e pior motivo é a falta de educação e cultura por parte dos professores e dirigentes da escola em relação a este contexto. Em minha opinião, é fundamental trabalhar as manifes- ▶



Festival de Parintins: famoso no exterior com a ajuda da mídia

tações culturais que ocorrem no entorno da escola, pois, só assim se pode desenvolver a multiculturalidade, criar identidades e fortalecer as tradições. O indivíduo é resultado do seu meio, portanto, necessita conhecê-lo a fim de potencializar seu crescimento enquanto sujeito social.

Como o senhor definiria a importância dessa prática?

Percebe-se que a massificação da cultura está deixando pouco espaço para as manifestações populares. Esta alienação promovida pelos meios de comunicação de massa está deixando o Rio de Janeiro, por exemplo, cada vez mais distante da sua cultura popular, fato este que também podemos observar nos demais estados brasileiros, exatamente pelo fato de que esta cultura do povo não vende, não rende lucros comerciais. Apropriando-se de uma fala

da rede de cultura sergipana, podemos constatar este fato, observando o descaso do poder público em conservar a memória dos grupos. Muitos foram extintos. Não há incentivo para a preservação dos que restaram. Os que não foram extintos sobrevivem graças à abnegação de seus mestres, que passam para seus descendentes a tradição da brincadeira. Também os grupos folclóricos esbarram na falta de informação. Só é divulgada a existência de grupos folclóricos do estado quando há encontros culturais nas poucas cidades do interior, que ainda preservam esta tradição. Nas crianças e adolescentes, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, a desinformação é grande. O nosso modelo de educação é muito antigo, não atende mais à realidade dos nossos alunos. Estes nasceram com as redes e o mundo conectado e em transformação. A escola que não se atualizar não será mais compreendida por eles. ■

**A praia fica
mais bonita
sem cachorro.**

**Carioca gente boa
respeita e
preserva a cidade.**



Comunidade unida pelo social

Programas mantidos pela Obra da Cidade beneficiam jovens e idosos de todos os bairros do Rio



A Obra levou 50 crianças, de comunidades próximas, à Copa do Mundo de Beach Soccer, realizada nas areias de Copacabana

TEXTO

EQUIPE DA OBRA SOCIAL

FOTO

DIVULGAÇÃO

As grandes distâncias no Rio não são empecilho para que a equipe da Obra Social da Cidade ponha em prática suas ações de assistência. Uma delas, o Programa de Atendimento à Comunidade, atraindo às quartas-feiras um grande número de pessoas que, mesmo morando em comunidades distantes, faz questão de participar das reuniões em que são decididos os próximos trabalhos a serem desenvolvidos em suas áreas.

Um exemplo dessa persistência está no líder comunitário Sérgio Ferraz, da comunidade de Martinho, em Paciência, Zona Oeste da cidade. "Já faz parte da minha rotina de trabalho", conta ele, que recebe doações de cestas básicas e de

leite em pó para crianças do centro comunitário social que representa. Fazer a diferença na vida dessas pessoas é o que importa para a equipe de atendimento. "Nossos sonhos são as nossas partes mais importantes", reconhece a coordenadora do programa, Maria Izar Cavalcanti de Albuquerque, mais conhecida como *Cuca*. Ela explica que essa aproximação é fundamental para a qualidade do programa, criado para atender aos pedidos dos representantes das comunidades. Hoje já são cerca de 400 locais beneficiados no município.

O Programa de Atendimento à Comunidade busca uma aproximação com grupos expostos às conseqüências geradas pela pobreza. Para isso,

a equipe da Obra, após avaliar a veracidade das condições relatadas por moradores das áreas a serem atendidas, realiza eventos recreativos nas comunidades. Diminuir a exclusão social, a falta de acesso à cultura, ao esporte, ao lazer e às políticas públicas essenciais é o objetivo do programa.

“São pequenas ações que transformam a vida dos beneficiados” assegura Sonia Moraes, outra integrante da equipe do programa, que até já se emocionou com histórias como a de d. Egleide Maria da Luz, que morava com os três filhos em situação precaríssima em uma casa no bairro de Ramos. Vivendo em um local com aspecto mais de acampamento do que de casa – era todo coberto com plásticos recolhidos na rua –, d. Egleide foi beneficiada por um programa da Prefeitura e ganhou uma casa mais segura para os filhos. A Obra Social se incumbiu de mobiliar a sala e equipou a cozinha, trazendo mais conforto para a família.

Uma consequência do trabalho de atendimento às comunidades foi a criação do Programa Casas de Capacitação Profissional, que ensina ofícios à população, através de cursos gratuitos, em unidades espalhadas pelos bairros da cidade. Com esses contatos diretos com a

população, vão surgindo sugestões de locais onde devem ser instaladas as novas cozinhas do Programa Cozinheiras Comunitárias, outra ação implementada pela Obra.

Como o lazer é um direito de todos, o Programa de Atendimento à Comunidade proporcionou, em 2007, um fim de semana inesquecível para crianças e jovens das comunidades de Cantagalo, Pavão-Pavãozinho e Árvore Seca: eles ocuparam as arquibancadas da arena da Praia de Copacabana para assistir à Copa do Mundo de Beach Soccer. Sonia lembra que a alegria também tomou conta do ônibus lotado de crianças das comunidades do Amor e da Cachoeirinha, do bairro de Lins de Vasconcelos, Zona Norte da cidade, que fizeram uma visita ao Zoológico da Quinta da Boa Vista.

Muitos outros passeios são promovidos pela Obra, para mostrar à garotada os lugares mais encantadores da cidade. Mensalmente grupos de crianças vão conhecer o Planetário, na Gávea, o Zôo e a Cidade das Crianças, em Santa Cruz. Os adultos são contemplados com idas a shows, a teatros e a concertos. O atendimento também cuida do Programa Rio de Alegrias, que leva diversão às comunidades de baixa renda. ■

SAIBA MAIS

www.obrasocial-rj.org.br

Números do Programa de Atendimento à Comunidade

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Atendimentos	53.243	57.070	94.815	122.321	93.287	131.217	161.640	203.070
Cestas básicas	19.028	21.510	26.110	40.762	38.350	54.273	76.480	81.520
Remédios	1.769	2.010	2.179	3.542	3.608	3.812	3.084	4.740
Leite (litros)	1.246	1.850	3.642	1.802	3.043	4.187	6.570	2.743
Óculos (pares)	32	41	50	85	262	309	407	450
Cadeiras de rodas	36	93	102	180	150	220	330	256
Muletas	34	46	55	65	61	96	142	101



Aves observadas de perto

Viveiro interativo promove consciência ecológica através da aproximação e convívio com os animais



Uma parte do zoológico do Rio de Janeiro está mais próxima das crianças da Zona Oeste. A Fundação RioZôo instalou na Cidade das Crianças, em Santa Cruz, o maior viveiro de aves do Rio de Janeiro. Com 2 mil metros quadrados divididos em lagos, áreas verdes e caminhos para os visitantes, o local pretende aproximar as pessoas dos animais. Não há separação entre visitantes e aves, que ficam soltas e voam livres. Apenas cordas delimitam a área onde se pode caminhar, para respeitar o espaço dos bichos.

O viveiro interativo é inspirado numa nova proposta de educação ambiental, que propicia a conscientização acerca da preservação ambiental através da aproximação e da vivência com os animais. No viveiro da Cidade das Crianças, pavões, cisnes-negros, marrecos, faisões, pombas e até porquinhos-da-índia – uma atração a mais para as crianças – podem ser apreciados de perto, sem obstáculos. O tucano-do-bico-amarelo, o papagaio verdadeiro e o papagaio-do-mangue também chegarão ao viveiro e poderão ser observados em breve. Mas algumas regras, como não alimentar nem tocar os animais, devem ser respeitadas para não prejudicar a saúde e o bem-estar dos bichos.

“A proposta é fazer com que a interação do público com os animais seja uma forma de conscientizá-lo sobre a questão do tráfico ilegal das espécies. Partimos do princípio de que é preciso conhecer para proteger. Esta é uma tendência mundial: a aproximação entre pessoas e animais para cultivar a consciência ambiental”, diz o zootecnista e gerente de biologia da Fundação RioZôo, Vinicius Ferreira.

O trabalho de educação ambiental é apoiado por placas com informações sobre as características das espécies. Há ainda uma placa principal que responde algumas perguntas sobre as aves, explicando os tipos de bico e patas, por exemplo. Dúvidas sobre a alimentação e o comportamento de cada bicho podem ser tiradas no próprio viveiro, com o biólogo responsável.

“Mais à frente, teremos um projeto de educação ambiental com visitas guiadas e ainda mais informações disponíveis em placas para o público. Estamos desenvolvendo para o verão um projeto estruturado em que o biólogo conduzirá o grupo pelo viveiro, falará sobre os ani-

mais e abrirá espaço para perguntas”, conta Vinicius.

O viveiro da Cidade das Crianças funciona no mesmo horário do parque: de terça a sexta-feira, das 8h às 16h; e aos sábados, domingos e feriados, das 9h às 17h. O endereço é rodovia Rio-Santos, km 1. O acesso é livre ao público, mas escolas devem agendar visitas pelo telefone 2418-4870. ■

TEXTO

JULIANA SARTORE

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



Além de conhecer espécies variadas, como cisnes-negros, as crianças têm à disposição placas explicativas e um biólogo para tirar qualquer dúvida

Navegantes da dependência

Cresce o número de pessoas que utilizam a internet para preencher carências e aliviar angústias

TEXTO

MARLUCIO LUNA, EDITOR
DO PORTAL MULTIRIO

Os *sites* de relacionamento – como Orkut e MySpace, para citar apenas os mais populares – deram uma nova dinâmica à internet e impulsionaram o surgimento de redes. Grupos e comunidades virtuais se multiplicaram na mesma proporção do crescimento da *web*. Distâncias foram reduzidas, amizades se formaram, movimentos sociais ganharam força. Tudo isso se deu graças ao potencial de mobilização de cerca de 1,5 bilhão¹ de internautas espalhados pelo planeta. Mas nem tudo é luz no mundo dos bits. Há uma zona de sombra na qual a internet deixa de ser ferramenta e passa à condição de geradora de dependência.

Desde 2006 a Associação Psiquiátrica Norte-americana utiliza as expressões “dependência de internet” e “uso patológico de internet” em seu manual de diagnóstico. Aqui no Brasil, o Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo criou um programa de atendimento aos chamados *heavy users*, aqueles que se viciaram em navegar pela *web*. O serviço é focado no tratamento de crianças e jovens de 12 a 17 anos.

De acordo com o coordenador do serviço do Hospital das Clínicas da USP, Cristiano Nabuco de Abreu, para muitas pessoas a internet funciona como arma contra a timidez e a insegurança, preenchendo carências e aliviando angústias. Elas criam falsos perfis nos *sites* de

relacionamento, assumindo identidades descoladas do mundo real. É esse tipo de internauta que se torna mais suscetível à dependência. Em situações extremas, o mundo real perde importância para a existência virtual.

Além dos *sites* de relacionamento, os programas de mensagens instantâneas (MSN Messenger e ICQ, por exemplo) e salas de bate-papo concentram os dependentes. Eles passam longos períodos teclando simultaneamente com várias pessoas. Abreu explica que o tratamento da dependência em internet consiste não em eliminar o uso do computador, mas fazer com que a tecnologia não prejudique o internauta.

“Apesar de tratarmos crianças e jovens, a dependência de internet atinge igualmente adultos. Estudos indicam que algo em torno de 10% dos internautas manifestam algum nível do transtorno. Há casos de pessoas que ficam on-line mais 20 horas por dia, tendo prejuízos graves nos aspectos pessoal e profissional, além dos danos à saúde”, explica Abreu.

Neuropsicólogo do Hospital das Clínicas da USP, Daniel Fuentes destaca que o viciado em internet tem dificuldade de reconhecer a dependência, pois a *web* não é uma droga. Amigos e parentes podem ajudar, ficando atentos a sintomas do “vício” (*leia no quadro*). Mas a internet não deve ser vista como um perigo para crianças e jovens. O neuropsicólogo conta que, décadas atrás, houve diversos casos de pessoas viciadas em televisão. No entanto, lembra, terapia e acompanhamento clínico adequado eliminam a dependência na maioria dos casos.

“Os pais não devem temer a internet, mas estar atentos ao comportamento dos jovens. Ela é uma ferramenta indispensável nos dias de hoje e não deve ser demonizada. Outra coisa importante é saber que esse tipo de dependência não é um problema exclusivo de crianças e adolescentes, mas também de adultos”, explica Fuentes. ■

Sintomas de um transtorno

O internauta que apresenta pelo menos cinco dos sintomas abaixo pode sofrer de dependência.

- Preocupação demasiada com a internet. O dependente só discute ou aborda questões relativas à *web*;
- O internauta precisa passar cada vez mais tempo conectado;
- Ele tem consciência de que exagera no uso da internet, porém não consegue ficar menos tempo conectado;
- Frequentemente está irritado ou em estado depressivo;
- Se tem o acesso à internet restringido, apresenta instabilidade emocional;
- Extrapola sempre o tempo programado de conexão à rede;
- Não encontra tempo para tarefas profissionais ou compromissos sociais;
- Quando perguntado, omite informações sobre o número de horas on-line.

¹Dado do Internet World Stats (www.internetworldstats.com) relativo a agosto/2008.



Curta com olhar de criança

Novo episódio da série 'Juro que vi', que estréia este ano, é exibido a alunos-colaboradores da rede

Olhos atentos na tela, um grupo de alunos da Escola Municipal George Sumner, do Riachuelo (3ª CRE), conferiu de perto, pela primeira vez, em julho, o movimento dos personagens de *Saci*, o quinto curta-metragem da série de animações *Juro que vi*, sobre lendas brasileiras. Com direção de Humberto Avelar e estréia prevista para este ano, o desenho animado reconta a lenda folclórica com o olhar daqueles que colaboraram durante as etapas de produção do filme, as próprias crianças.

Desde outubro do ano passado, os alunos participaram de encontros em que dialogaram com a equipe de animação da MULTIRIO. Durante as dinâmicas, foram estimulados a se expressar, deixando correr a imaginação em suas próprias histórias sobre o saci. Daniela dos Santos, do período final do primeiro ciclo, criou um novo personagem para sua história. "Eu desenhei a Sássi, a namorada do saci", conta.

Os comentários e a visão dos alunos sobre a lenda e a realidade que os cerca foram a referência para que os animadores mergulhassem no universo infantil de hoje, trazendo para o filme a capacidade de falar de criança para criança. "Nos encontros, pedimos que as crianças se expressem. Pode ser numa vivência teatral, ouvindo uma música, desenhando, ou num diálogo direto e claro. Eles são um grupo focal, que representa o universo de crianças. *Saci* tem um fio condutor, que está ligado ao direito de ser criança. Tínhamos dúvidas se a forma pela qual conduzimos a narrativa deixava isso claro para as crianças. O contato com o grupo

confirmou certezas ou pôs fim a nossas dúvidas, ajudando-nos a fazer um desenho voltado ao público infantil", explica a coordenadora do Núcleo de Projetos Especiais de Animação da MULTIRIO, Patrícia Alves Dias.

Em *Saci*, as observações dos alunos deram companhia ao travesso menino de uma perna só. "Assim como aconteceu em *O boto*, as crianças clamaram por uma família constituída. Em *Saci*, elas pediram que houvesse a saci-menina, a saci-mãe... ou seja, elas entendem que até o saci, um ser fantástico, precisa de mãe e de pai", conta Patrícia.

As crianças foram as primeiras a assistir ao desenho animado, ainda em fase de finalização. Assim, os animadores puderam recolher as primeiras impressões delas sobre o trabalho. Antes da exibição, elas conheceram como é feito o esboço de cada personagem, das suas linhas iniciais ao traço final, e descobriram como é elaborado o *storyboard* (roteiro desenhado). Aglomeradas em volta dos desenhos, as crianças viram como é feita a animação e ficaram surpresas ao descobrir que um personagem é desenhado por mais de uma pessoa e que há animadores que só fazem cenários, por exemplo.

A série *Juro que vi* é formada por mais quatro desenhos, todos sobre lendas brasileiras: *O curupira*, *O boto*, *Iara* e *Matinta Perera*, premiados no Brasil e no exterior. Para recontar as lendas de acordo com a forma de pensar e ver o mundo das crianças, os curtas-metragens foram feitos com a colaboração de alunos da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. ■

TEXTO

JULIANA SARTORE

FOTO

REPRODUÇÃO

Brincadeiras que incomodam

Pontos a considerar quando as relações entre crianças passam dos limites e causam danos morais



TEXTO **Certo dia...**

EQUIPES DA MULTIRIO E DA SME

ILUSTRAÇÃO

DAVID MACEDO

Sou professora e trabalho com o ano inicial do primeiro ciclo no município do Rio de Janeiro. Tenho vivido maus momentos dentro de sala de aula, com alunos agressivos e casos de *bullying*. E são muitos: apelidos por características físicas, pelo estado de origem, quebras de material, empurrões, atitudes de dominação, repetidas agressões físicas e verbais totalmente gratuitas, entre outros.

Minha aluna de sete anos é constantemente perseguida pelos coleguinhas de sala, que a chamam por diversos apelidos, por ela ser gordinha. Ela chora, não brinca com ninguém, seu rendimento caiu, e eu não sei mais o que fazer.

Há algum tempo eram casos isolados e com alunos mais velhos, mas agora tenho observado uma grande quantidade de situações como essas na minha turma, com crianças menores. As maiores vítimas são as crianças mais tímidas, que não conseguem se defender e às vezes nem falar sobre as agressões sofridas.

Questões, tensões, reflexões

De todos os casos de *bullying* que testemunho e tento combater na minha sala de aula, o da minha aluna Clarice é o que mais me preocupa. Ela é muito tímida e tudo isso está afetando sua participação nas atividades escolares.

Minha primeira atitude foi conversar com ela. Depois, com a autorização dela, reuni toda a turma para refletir sobre o que estava acontecendo. Infelizmente nada mudou.

Então, com a ajuda da coordenadora pedagógica e da direção, resolvemos criar um projeto para discutir o caso. O problema que era da minha turma se tornou da escola inteira.

Pesquisamos alguns materiais, como filmes, livros de literatura infantil, cartazes e matérias de revistas e jornais. Trabalhamos com as crianças incansavelmente.

Os pais também foram envolvidos e convidados a participar de reuniões e apresentações dos alunos sobre o tema.

Aos poucos, acho que estamos conseguindo mudar este comportamento tão lamen-

tável dos nossos alunos. Nosso maior problema ainda é com a TV. Alguns programas não tem o menor cuidado com o que transmitem para crianças e jovens.

Os possíveis porquês

Bullying, de fato, sempre existiu, só que não com esse nome. O termo *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas sob uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais que tornam possível a intimidação da vítima.

Por não existir uma palavra na língua portuguesa capaz de expressar todas as situações de *bullying* possíveis, ficou mantido o termo em inglês.

O *bullying* é um problema mundial, encontrado em toda e qualquer escola, e não está restrito a nenhum tipo específico de instituição: primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana. As escolas que não admitem a ocorrência de *bullying* entre seus alunos ou desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo.

Quando não há intervenções efetivas contra o *bullying*, o ambiente escolar se torna totalmente contaminado. Todas as crianças, sem exceção, são afetadas negativamente, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo. Alguns alunos que testemunham situações de *bullying*, quando percebem que o comportamento agressivo não traz nenhuma consequência a quem o pratica, poderão achar por bem adotá-lo.

As medidas adotadas pela escola para o controle do *bullying*, se bem aplicadas e envolvendo toda a comunidade escolar, contribuirão positivamente para a formação de uma cultura de não-violência na sociedade.

As crianças que sofrem *bullying*, dependendo de suas características individuais e de suas relações com os meios em que vivem, em especial as famílias, poderão não superar parcial ou totalmente os traumas sofridos na escola. Poderão crescer com sentimentos negativos, especialmente com baixa auto-estima,

tornando-se adultos com sérios problemas de relacionamento.

Não existem soluções simples para combater o *bullying*. Trata-se de um problema complexo e de causas múltiplas. Portanto, cada escola deve desenvolver sua própria estratégia para reduzi-lo.

A escola deve agir precocemente contra o *bullying*. Quanto mais cedo o *bullying* cessar, melhor será o resultado para todos os alunos. Intervir imediatamente, tão logo seja identificada a existência de *bullying* na escola e manter atenção permanente sobre isso é a estratégia ideal. A única maneira de combater o *bullying* é através da cooperação de todos os envolvidos: professores, funcionários, alunos e pais. ■

Fonte: Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes da Abrapia.

Modos de ver e agir

Diretora : Michelli Rodrigues Pinhão

Acho que um dos maiores erros nesses casos é menosprezar, não levar em consideração o sofrimento da criança. Já vi algumas vezes o próprio professor ou funcionário da escola chamando o aluno de um determinado apelido, dado por alguém da turma, ou seja, reproduzindo um comportamento que ele mesmo reprova.

É muito importante também a família estar em sintonia com a escola, trabalhando sempre com seus filhos a questão dos limites e a não-aceitação do desrespeito aos mais velhos e aos mais fracos.

Coordenadora pedagógica: Isabel Cristina Mendes da Silva

É preciso desenvolver em sala de aula um ambiente favorável à comunicação entre os alunos; a escola deve observar com atenção o comportamento de seus alunos, dentro e fora de sala de aula, e perceber se há quedas bruscas no rendimento escolar e no seu comportamento social.

Professora: Fernanda Gomes Coelho

Para lidar com esse assunto tão atual, as escolas devem investir em prevenção e estimular a discussão com todos no ambiente escolar, incluindo pais e alunos. Os professores têm papel fundamental na prevenção, devendo sempre incentivar a solidariedade, a generosidade e o respeito às diferenças, por meio de conversas, trabalhos didáticos e até da criação de campanhas de incentivo à paz e à tolerância.

Informação mais acessível

Página da Secretaria Municipal de Administração inaugura navegação mais simples para servidores

TEXTO
JULIANA SARTORE
IMAGEM
REPRODUÇÃO

A Secretaria Municipal de Administração (SMA) reformulou sua página na internet para facilitar o acesso de funcionários da Prefeitura do Rio e do público às informações. Os serviços de maior interesse para os servidores do município ganharam mais destaque no site. Com o novo layout, que garante uma visualização mais rápida dos serviços, o funcionário encontra, com mais facilidade, as informações de que precisa, reorganizadas em novas seções.

"Nosso objetivo foi tornar o acesso mais simples. Para isso, fizemos uma varredura e retiramos informações e sistemas que já não eram mais necessários. O site estava muito poluído, com informações misturadas, que os servidores tinham dificuldade em encontrar. Despoluímos a página e dividimos os assuntos em blocos, por área de interesse. Assim, o site ficou mais limpo e com visual mais moderno. E tudo o que o internauta precisa está logo na página principal", diz a assessora de comunicação social da SMA, Solange Machado.

O site da secretaria está dividido em seções voltadas aos diferentes públicos, como Servidor, Cidadão e Empresa. Na área

voltada ao servidor, o funcionário pode, por exemplo, consultar o contracheque até três dias antes do pagamento. É possível também verificar a lista dos 149 convênios disponíveis entre a Prefeitura e instituições que oferecem descontos em cursos, serviços e produtos. Outras facilidades são o sistema disponível para cálculo dos anos que faltam para a aposentadoria e informações sobre plano de saúde e acompanhamento de pedido de férias. Já a seção Empresa permite consultas a licitações e pregões eletrônicos.

Em média, o site da secretaria recebe em torno de 97 mil acessos por mês. Entre as informações mais procuradas estão os resultados e dados sobre concursos públicos realizados pela Prefeitura do Rio. Essas informações estão agora disponíveis na área Cidadão, com um link que redireciona o internauta ao site sobre o andamento dos concursos da Prefeitura, que contabilizou 160.455 acessos em julho.

Para consultar estas e outras informações basta acessar o endereço do site da SMA na internet, que continua o mesmo: www.rio.rj.gov.br/sma. ■



Necessidades educativas especiais – velhos e novos paradigmas

Na sua prática educacional o professor tem relevância singular, uma vez que busca desenvolver no aluno o espírito crítico-reflexivo, maximizar habilidades/competências e “dominar a pesquisa, elaborar projetos, questionar”, como pontua Pedro Demo, em recente entrevista (JB, 2000).

Avançando na discussão do papel da escola, da educação, e, sobretudo, da presença do professor, enquanto ele no processo ensino-aprendizagem, na direção de uma consciência de cidadania, a inclusão só terá êxito com seu total engajamento; pois “se o professor não é um incluído, como pode ajudar a promover a inclusão?” (Demo, 2000)

Para analisar melhor programas, propostas curriculares, serviços, políticas sociais e outros indicadores educacionais, é importante dominar conceitos da linha inclusivista, até porque tal conceito ético procura evoluir na direção de uma sociedade inclusiva.

Por que são chamados inclusivistas? Porque abrangem valores que contemplam a inclusão.

Integração é um processo espontâneo e subjetivo, que envolve direta e pessoalmente o relacionamento entre seres humanos (Glat, 1991). Se não levarmos em conta o aspecto psicossocial, corre-se o risco de sermos reducionistas.

A integração escolar é um processo gradual e dinâmico que pode tomar distintas formas, de acordo com as necessidades e habilidades dos alunos. A integração educativo-escolar refere-se ao processo de educar-ensinar, no mesmo grupo, a crianças com e sem necessidades educativas especiais, durante uma parte ou na totalidade do tempo de permanência na escola. (MEC, 1994)

A normalização, segundo o MEC (1994), é um “princípio que representa a base filosófico-ideológica da integração. Não se trata de normalizar as pessoas, mas sim o contexto em que se desenvolvem, ou seja, oferecer, aos ►

TEXTO

HILDEMAR VERÍSSIMO*

ARTE

DAVID MACEDO

*Professor titular do UNI IBMR, professor de psicologia do excepcional na Universidade Estácio de Sá (Unesa), mestre em educação, membro da Comissão Científica do Instituto Benjamin Constant, professor do Curso de Qualificação de Professores na área da deficiência visual no mesmo instituto.

portadores de necessidades especiais, modos e condições de vida diária o mais semelhante possível às formas e condições de vida do resto da sociedade”. Segundo Mantoan (1997b, p. 120) “a normalização visa tornar acessíveis às pessoas socialmente desvalorizadas condições e modelos de vida análogos aos que estão disponíveis de um modo geral ao conjunto de pessoas de um dado meio ou sociedade”.

Conceitos inclusivistas

- **Autonomia** – É a condição de domínio do ambiente físico e social, preservando ao máximo a privacidade e a dignidade de quem a exerce. Daqui saem os conceitos de autonomia física e autonomia social. Exemplos: rampas nas calçadas, cadeiras de rodas. O grau de autonomia resulta da relação entre o nível de prontidão físico-social do portador de deficiência e a realidade de um ambiente físico-social. (Sassaki, 1997)
- **Independência** – Capacidade “de decidir sem depender de outras pessoas, tais como: membros da família ou profissionais especializados”. A pessoa deficiente pode ser mais independente ou menos independente, e isso vai depender da sua autodeterminação e/ou prontidão para tomar decisões numa situação. Ambas podem ser aprendidas e/ou desenvolvidas.

- **Empowerment** – “Processo pelo qual uma pessoa, ou um grupo de pessoas, usa o seu poder pessoal inerente a sua condição” – por exemplo: deficiência, gênero, idade, cor – para fazer escolhas e tomar decisões. O poder pessoal está em cada ser humano. A sociedade não tem consciência de que o portador de deficiência também tem esse poder pessoal, e aí a sociedade faz escolhas e toma as decisões por ele.

- **Equiparação de oportunidades** – “Processo através do qual os sistemas gerais da sociedade – tais como o ambiente físico e cultural, a habitação e os transportes, os serviços sociais e de saúde, as oportunidades educacionais e de trabalho, a vida cultural e social, incluindo as instalações esportivas e recreativas – são feitos acessíveis para todos.” (United Nations, 1983, p. 12)

- **Inclusão social** – Processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com

necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. Trata-se de um processo bilateral no qual as pessoas ainda excluídas e a sociedade buscam equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos.

Para incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada a partir da compreensão de que é ela que precisa ser capaz de atender às necessidades de seus membros.

Da integração à inclusão

Neste final de século, estamos vivendo um estágio de transição entre a integração e a inclusão. Os dois termos são falados e escritos com diversos sentidos. A seguir, os conceitos de integração e inclusão na moderna terminologia de inclusão social.

- **Integração** – inserção da pessoa deficiente preparada para conviver na sociedade.
- **Inclusão** – modificação da sociedade como pré-requisito para a pessoa com necessidades especiais desenvolver-se e exercer a cidadania. ■

Referências bibliográficas

- AMARILIAN, Maria L. Toledo Morais. *Psicologia do excepcional*. São Paulo, EPU, 1986.
- BLANCO, R. Aprendiendo en la diversidad: implicaciones educativas. *Anais do III Congresso Ibero-americano de Educação Especial*. v. 1. Foz do Iguaçu, Paraná, 1998.
- CARVALHO, R. E. *A nova LDB e a educação especial*. Rio de Janeiro, WVA, 1997.
- DECLARAÇÃO de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, Corde, 1994.
- DEMO, P. *Ironias da educação: mudança e contos sobre mudança*. DP & Editora, 2000.
- GLAT, R. *A integração social dos portadores de deficiências: uma reflexão*. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1995.
- MONTOAN, Maria Teresa Eglér. A inclusão escolar de deficientes mentais: contribuições para o debate. In: MONTOAN, Maria Teresa Eglér. *Ser ou estar, eis a questão: explicando o déficit intelectual*. Rio de Janeiro, WVA, 1997. p.137-15A.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Encaminhamento de alunos do ensino regular para atendimento especializado*. Brasília, MEC/Seesp, 1994.
- _____. *Política Nacional de Educação Especial*. Brasília, MEC/Seesp, 1994.
- PEREIRA, O. *et al. Educação especial: atuais desafios*. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980.
- SASSAKI, K. R. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro, WVA, 1997.
- SKLIAR, C. (org.) Educação e exclusão. *Abordagens socioantropológicas em educação especial*. Porto Alegre, Mediação, 1997.
- UNITED NATIONS. *Disabled Persons Bulletin*. New York, vi, p. 2, 1995.
- WESTMACOTT, K. *Trabalhando por mudanças*. Tradução de Maria Amélia Vampré Xavier. CBR News, Londres, n. 22, p. 4, abr. 1996. Tradução de *Working for change*.

Qual é o espaço para hortas em escolas urbanas?

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

Referimo-nos aqui ao espaço físico, quando observamos a ampliação dos prédios escolares com sacrifício de áreas de solo cultivável, e também ao espaço concebido pelas representações sociais em relação ao tema.

Ao constatarmos que as práticas agrícolas estão cada vez menos presentes nas atividades pedagógicas das escolas, inferimos que não tem sido dada a verdadeira dimensão de valor que lhes caberia e/ou que não há uma definição clara sobre o uso das atividades agrícolas enquanto prática educativa de caráter holístico (holismo na acepção criada pelo filósofo sul-africano Jan Smuts, em 1926: “esforço da mente por captar o todo nas partes e as partes vistas dentro do todo” (Boff, 2000, p. 171)).

A agricultura tem sido historicamente conceituada como um termo unívoco quanto ao espaço de ação, muito embora a prática desde sempre tenha demonstrado a ambigüidade desta proposição. As áreas hoje urbanizadas foram rurais e guardam em maior ou menor grau esses traços, seja de forma explícita (através da existência de pequenos espaços cultivados), seja no imaginário coletivo (através do desejo de tê-los). Portanto, falar-se em agricultura urbana não deveria soar paradoxal e sim como um reconhecimento da propensão natural da espécie humana de carregar consigo e conservar as bases de sua cultura. E também como um fato que intuitivamente se faz presente no cotidiano de homens e mulheres, muito antes das discussões acadêmicas acerca de questões ambientais ou de segurança alimentar.

A agricultura urbana refere-se a pequenos espaços, situados dentro de uma cidade ou em sua periferia, destinados à produção agrícola e à criação de pequenos animais. Apresenta-se de forma muito diversificada em função das peculiaridades locais e dos recursos disponíveis: hortas caseiras em quintais de terra; produção em vasos, pneus, garrafas *pet*; hortas comunitárias; uso de técnicas como a hidroponia e a organoponia, entre outras (Machado e Machado, 2002). Dias (2000) avalia que o conceito de agricultura urbana é ampliado quando são analisadas as contribuições de sua prática para o

meio ambiente e para a saúde humana, e destaca alguns aspectos: o valor estético do ambiente, a formação de microclimas, a prevenção de doenças através de uma alimentação diversificada e o poder curativo das plantas medicinais; e o aproveitamento de recipientes, principalmente de plástico, na preparação de mudas e no plantio de ervas medicinais, condimentares e ornamentais. Além das contribuições já mencionadas, muitas outras têm sido verificadas em função das características locais, na medida em que a prática vem sendo adotada.

Agências internacionais, organizações governamentais e não-governamentais têm reconhecido a agricultura urbana como elemento primordial nas ações públicas para o desenvolvimento de aspectos sociais, econômicos e ambientais de uma comunidade (Machado e Machado, 2002). No Brasil, ela consta como uma das estratégias do Programa Fome Zero do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome para a melhoria da alimentação e nutrição e geração de renda da população.

Uma vez contextualizadas e enumeradas as potencialidades da agricultura urbana, fica clara a relevância de sua inserção em uma metrópole como a do Rio de Janeiro, que apresenta um processo de aumento populacional desordenado e problemas daí advindos.

É comum verificarmos uma imediata associação quase exclusiva das ações em agricultura com o ensino de ciências. Isto não ocorre por acaso, haja vista as inúmeras possibilidades de exploração de temas constantes no currículo clássico do ensino fundamental e a visão disciplinar rígida ainda vigente nas percepções de grande parte dos profissionais de ensino. Porém, o contato com os elementos que integram uma horta permite uma relação mais harmoniosa com as diversas formas de vida, por vezes ignoradas ou desprezadas no cotidiano. Foi o que alertei em 2006 quando questioneei o repúdio humano por alguns seres:

“Qual é a justificativa para se ter medo de lagartixas e pererecas? E por que considerar a presença de teias de aranhas nos cantos das paredes como sinônimo de sujeira? Por que anos de estudo



Elizabete Cristina Ribeiro Silva

Professora de ciências na E. M. Presidente Antônio Carlos (Cosmos, 9ª CRE); especialista em ciências ambientais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e em ensino de ciências pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); mestranda em educação em ciências e saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

sobre a importância dos animais, do respeito que devemos ter por eles etc. nem sempre dão conta de desconstruir certos mitos e preconceitos? Estamos aprendendo a valorizar espaços específicos para a conservação de espécies, mas esquecemos que todos os seres fazem parte de um contexto único e maior, que é o planeta. Nessa perspectiva, todos os espaços, construídos ou não, devem se configurar em áreas onde sejam preservadas as inter-relações positivas entre as diversas formas de vida.” (Silva, 2006. p. 20).

A vivência de uma situação concreta como a elaboração e os cuidados com uma horta traz à tona problemas e discussões que demandam a utilização de outras áreas de conhecimento, fazendo da interdisciplinaridade algo espontâneo. Do mesmo modo, temas considerados pelos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) – como transversais, tais como ética, saúde, meio ambiente, trabalho, consumo estariam naturalmente inseridos nesse contexto.

A agricultura urbana, em bases agroecológicas, é aqui referendada como o campo possível de requalificação das práticas agrícolas nas escolas, uma vez que vem ao encontro da solução do problema da limitação de espaço no ambiente urbano e por trazer o arcabouço educação/ saúde/ambiente, preenchendo uma lacuna conceitual sobre essas atividades. ■

Referências bibliográficas

- BOFF, Leonardo. *O despertar da águia: o diabólico e o simbólico na construção da realidade*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- BRASIL. MEC/Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, 1998. 436p.
- DIAS, J. A. B. Produção de plantas medicinais e agricultura urbana. *Horticultura brasileira*. Brasília, v. 18, p.140-3, 2000.
- MACHADO, A. T. e MACHADO, C. T. de T. Agricultura urbana. *Documentos*. Planaltina, Embrapa Cerrados, 2002. 25 p.
- SILVA, E. C. R. Educação 'versus' paradigmas do meio ambiente. *Nós da Escola*, Rio de Janeiro, Multirio, n. 42, 2006. p. 20.



Abraço Completo à Infância: cuidando ainda melhor das nossas crianças

As creches e pré-escolas da Prefeitura do Rio já têm à disposição o Abraço Completo à Infância, um kit composto por 1 fita VHS, 1 DVD e um livro. Produzido pela MULTIRIO, o material valoriza as relações que se estabelecem entre as crianças e os profissionais que cuidam delas na primeira infância. Os temas abordados vão desde a adaptação ao ambiente da creche passando pelo sono, alimentação, medo e sonhos, entre outros.



Dedicação incondicional

Em um mundo cada vez mais inclusivo, trabalhar com as diferenças exige dedicação, uma boa dose de bom senso e atualização constante sobre os recursos disponíveis, para facilitar a vida de todos. Com a educação especial, esses requisitos devem ser observados ainda mais de perto. De acordo com dados do censo escolar do MEC, quase dobrou a participação do atendimento inclusivo entre os anos de 2002 (24,7%) e 2006 (46,4%). O Rio de Janeiro, através do Instituto Municipal Helena Antipoff (IHA), é uma das cidades mais avançadas em termos de atendimento a alunos com necessidades especiais. Hoje, na rede municipal, esse atendimento começa cedo: a partir dos três meses de idade, as creches da Prefeitura já estão aptas a receber crianças portadoras de diferentes deficiências. Mas o trabalho se estende por todas as etapas de desenvolvimento da criança e do jovem, o que requer das escolas e instituições especializadas uma procura constante de novas formas de abordagem e adaptações. Felizmente, em todo o país cresce a consciência de que faz parte do desenvolvimento das crianças com necessidades especiais educacionais o contato com turmas regulares, e de que a superação continua também fora da sala de aula.

TEXTO

BETE NOGUEIRA

ILUSTRAÇÕES

ALINE CARNEIRO

SOBRE FOTOS DE

ALBERTO JACOB FILHO



Há um mundo de procedimentos e metodologias para lidar com necessidades especiais educacionais, até porque “não há uma certeza absoluta: ela é transitória”, como afirma a professora Leila Blanco. Como diretora do IHA há oito anos, fora os 25 em que já trabalhava no Instituto, ela diz que cada um tem uma história de vida que pesa muito na hora de escolher o caminho do ensino. Deve-se observar caso a caso onde está a dificuldade do aluno e que possibilidades pedagógicas são permitidas no espaço escolar. Partindo do princípio de que todos são capazes de aprender, a Multieducação sugere que o professor conheça o contexto em que vive cada aluno e quais são os seus interesses. “É importante que ele [o professor] desenvolva adaptações curriculares, atendendo, assim, às diferentes necessidades educacionais de seus alunos”¹.

As potencialidades das crianças não são predeterminadas, como já havia estudado Lev Vigotsky (1896-1934), que defendia a idéia de que não há um desenvolvimento pronto dentro de nós, na medida em que se atualiza com a passagem do tempo. O desenvolvimento é como um processo, onde contam a maturação do organismo, o contato com a cultura e as relações sociais que permitem a aprendizagem: esse processo se dá de dentro para fora. Para o teórico russo, a aprendizagem sempre inclui relações entre pessoas, e a linguagem no processo de aprendizagem abre caminhos para a zona de desenvolvimento proximal, isto é, ajuda a criança a avançar de um nível de desenvolvimento real para uma área de potencialidades.

Seguindo esta linha de raciocínio, entre o desenvolvimento e as possibilidades de aprendizagem há uma estreita relação. “A experiência prática mostra que o ensino de conceitos é impossível. Um professor que tentar fazer isto incorrerá num verbalismo vazio, uma repetição de palavras pela criança semelhante a um papagaio que simula um conhecimento dos conceitos correspondentes, mas que na realidade oculta um vácuo”².

Cada vez mais o mundo está atento à importância de ver a educação especial como parte integrante da educação em geral. “Legalmente, já é exigido que no ato da formação dos professores – seja em ensino fundamental, médio ou superior – haja um preparo para que o educador esteja apto a receber um aluno com necessidades especiais. Mas há muitos professores que se formaram em uma época anterior a essas determinações. De qualquer forma, eles recebem orientação, pois a lei também determina formação continuada aos professores”, explica Valéria de Oliveira, coordenadora pedagógica do Programa Rompendo Barreiras (PRB) e vice-presidente do Conselho Estadual para Políticas de Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.

Para Valéria, há algumas situações primordiais que devem ser observadas para que a inclusão seja satisfatória: é preciso que a comunidade escolar esteja por inteiro no envolvimento desse processo – a família dos deficientes; toda a escola, inclusive os funcionários administrativos – e que o profissional deficiente também seja inserido no processo. Por exemplo, profissionais cegos e surdos devem ganhar mais espaço em sala de aula.

O Rompendo Barreiras, criado em 1988 por alunos e professores da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), tem entre suas missões garantir o acesso ao espaço físico da Universidade a pessoas com deficiências físicas e intelectuais e com doenças crônicas. O PRB ainda viabiliza recursos pedagógicos de apoio ao professor com deficiência e oferece curso de grafia e leitura em braille, espanhol para deficientes visuais e produção de recursos pedagógicos para alunos especiais, da educação infantil ao ensino médio. O programa auxilia com diversos serviços: leitura presencial, passeios e acesso à internet (envio e recebimento de *e-mail* e inscrições em concursos), além de encaminhar propostas que possam levar a ações que motivem políticas públicas na área da deficiência.

A melhor opção – Existe uma série de situações que fazem com que uma pessoa seja considerada portadora de necessidades especiais: deficiências sensoriais (visão e audição), paralisia cerebral, deficiências físicas, mentais, transtornos globais de desenvolvimento (psi- ▶

¹ *Multieducação*: refletindo sobre o trabalho no 1º ciclo de formação. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Educação, 2007.

² *A formação social da mente*, de Lev Vigotsky. São Paulo, Martins Fontes, 1987.



cose e neurose) e superdotação, entre outras. A orientação do MEC é criar um ambiente de inclusão em sala de aula que vai se repetir ao longo da vida – com o estímulo de criação de vagas de trabalho para portadores de necessidades especiais.

Mas é preciso estar atento para, mesmo sob uma boa intenção, não radicalizar e acabar desfavorecendo o estudante. “Nem sempre a turma mista é a melhor opção”, explica Leila Blanco. Por exemplo, uma criança surda pode se sentir deslocada, sem ter outros colegas para se comunicar no mesmo sistema. Além disso, em uma turma regular, essa criança, que precisa aprender libras, deve ter uma professora que domine essa linguagem. “Se a linguagem é ensinada por um

professor que domine pouco, ou que necessite de um intérprete, não é bom para o aluno. Não há como ensinar sem saber como ele pensa”, completa Valéria. Mas se o professor der conta de todas as lacunas, ganha não só o aluno surdo, mas toda a turma, que vai aprender a lidar com ele e outros mais que vierem.

No caso de alunos cegos, é preciso o mesmo bom senso: “Não adianta ele ter acesso ao material em braille sem ninguém ensiná-lo a utilizar”, enfatiza Valéria. Há casos em que é preferível ele estar em uma turma de cegos, para ajudá-lo no desenvolvimento da identidade. Mais uma vez, o que vale é analisar cada caso. “Há o lado dos pais, também. Por exemplo, a mãe da única criança cega de uma escola vai se sentir diferente das demais, mas quando ela observa no mesmo ambiente outras mães com o mesmo desafio diário, as coisas começam a ser vistas de forma diferente”, comenta a diretora do IHA.

Quando a deficiência compromete a locomoção ou a criança tem espasmos é mais difícil mantê-la em uma turma regular. E se o aluno tem uma deficiência intelectual muito acentuada, ele deve ser preparado antes de ser inserido na nova classe.

Pela Lei Orgânica do município, as aulas têm de ser ministradas o mais próximo da casa, mas para casos de dificuldade muito grande de locomoção o Helena Antipoff mantém 13 ônibus com elevador e ainda algumas vans para regiões onde o transporte é mais difícil. Quando se constata algum tipo de necessidade especial, o aluno é observado e sua ficha vai para a CRE avaliar se ele está no melhor local de atendimento de suas especificidades.

Outro fator importante é a relação que deve existir entre a escola e a família daquele aluno, com troca constante. Cabe ao professor orientar os pais quando sentir necessário, mas também saber ouvir o que eles podem trazer de novo para enriquecer sua relação com a criança: sua vida fora da escola tem influência direta no desenvolvimento do aluno. Isto feito, a adaptação com as outras crianças acontece geralmente de forma rápida.

Na vanguarda – O trabalho já consolidado no Helena Antipoff, fundado há mais de 30 anos, contou muito para que a cidade do Rio de Janeiro esteja à frente de outras regiões do país. Há alguns anos, a Prefeitura do Rio atende a todos que procuram ajuda ou orientação. Fruto de muita experiência e pesquisa, o Instituto hoje atende a cerca de 9 mil alunos, de todas as idades: da educação infantil até o Programa de Educação para Jovens e Adultos (Peja). Ligado à Secretaria Municipal de Educação, o IHA produz conhecimentos em educação especial e recursos multissensoriais que contribuem para a atualização permanente dos professores e o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Se algum estudante da rede particular precisar de orientação, o IHA também presta este serviço, mas o encaminha para outro lugar onde ele possa ser atendido.

Salas de recurso em todas as CREs, adaptações em mobiliário, brinquedoteca e outros meios permitem que os alunos desenvolvam maior habilidade cognitiva para aproveitar mais as aulas na turma regular. Durante as atividades nas oficinas, os professores atuam junto com os alunos com a intenção de pesquisar novos recursos e técnicas pedagógicas para o desenvolvimento, autonomia e conforto deles. No Centro de Transcrição a Braille, serviço para atendimento de alunos cegos e com baixa visão, são produzidas várias obras, muitas delas liberadas do pagamento de direitos autorais pelas editoras. As obras saem com uma página em braille, tendo na página contígua o texto escrito. Assim, o professor pode acompanhar de forma mais efetiva o desenvolvimento desses estudantes.

Para atender a crianças muito debilitadas, como as que estão com baixa imunidade, classes itinerantes não deixam que se desperdice um tempo precioso em que poderiam estar aprendendo o que as outras crianças da mesma faixa etária estão tendo nas escolas. Isto cria uma expectativa nos estudantes que pode até influenciar na recuperação deles. “Oferecer aulas para crianças internadas no Inca [Instituto Nacional de Câncer], por exemplo, dá uma esperança extra para elas. Precisamos ter consciência de que enquanto elas estão ali têm direito à mesma educação das outras crianças. Procuramos oferecer qualidade de vida enquanto é possível”,

1. Situação da educação especial na cidade e no Estado do Rio de Janeiro

População total do estado	14.392.106
População com deficiência	2.131.762
0 a 4 anos	25.144
5 a 9 anos	48.914
10 a 14 anos	70.833
15 a 17 anos	44.964
18 a 24 anos	124.297
Escolas especiais do município do Rio de Janeiro: 10	
População atendida pelo Instituto Municipal Helena Antipoff: cerca de 9 mil	
Fontes: IBGE, SME e MEC.	

2. Acessibilidade nas escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro com educação básica em 2006

	total	%
Escolas públicas com educação básica	6.532	
Escolas públicas com sanitários adequados aos alunos com necessidades educacionais especiais	725	11,10
Escolas públicas com dependências e vias adequadas aos alunos com necessidades educacionais especiais	695	10,64
Fontes: IBGE e MEC.		

3. Formação dos 3.874 professores do Estado do Rio de Janeiro na educação especial em 2006

	total	%
Com ensino fundamental	15	0,38
Com ensino médio	1.568	40,50
Com ensino superior	2.291	59,10
Fontes: IBGE e MEC.		

explica Leila Blanco, com a serenidade de quem aprendeu, em 40 anos de magistério, que lidar com as dificuldades de forma firme só ajuda os alunos a se sentirem fortes para enfrentar as adversidades.

Na cidade do Rio, há 10 classes hospitalares para atender a crianças que poderão ficar muito tempo longe de uma escola por causa do tratamento a que estão submetidas ou ►

SAIBA MAIS

Curso

- **Capacitação em Altas Habilidades/Superdotação para Secretarias Municipais e Estaduais de Educação** (60 horas)
De 17 a 21 de novembro, na cidade de Canela - RS
Mais informações no *site* do Conselho Brasileiro para Superdotação: www.conbrasd.com.br

Livro

- **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**, de Rosana Glat. Editora 7 Letras. A autora tem outros livros sobre o assunto.

Filmes

- **Do luto à luta**, de Evaldo Mocarzel
- **Meu pé esquerdo**, de Jim Sheridan
- **Mr. Holland - adorável professor**, de Stephen Herek
- **O homem-elefante**, de David Lynch
- **O oitavo dia**, de Jaco van Dormael
- **Ray**, de Taylor Hackford

por necessitarem de algum tipo de reclusão. Elas estão no Centro (Hospital dos Servidores, Hemório e Inca); em Botafogo (Hospital São Zacarias); no Hospital Geral de Jacarepaguá e em mais cinco endereços na Zona Norte: Hospital Jesus (Vila Isabel); Casa Ronald Mc Donald (Tijuca); Hospital Marcílio Dias (Lins); Hospital Geral de Bonsucesso; e Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (Ilha do Fundão).

No IHA, há cursos para capacitadores, serviços de atendimento à população e uma área voltada para pesquisas. Lá, o educador que quiser se preparar adequadamente tem à disposição, por exemplo, oficinas de ginástica, artes plásticas, dança, teatro, libras, música, mímica... Lá se criam recursos para deficientes físicos e portadores de paralisia cerebral (como adaptador de cadeira de rodas) e há oficina até para desenvolver recursos de informática. Na oficina da palavra, trabalha-se com dificuldade de aprendizagem de leitura e escrita. Os cursos não são destinados apenas a professores itinerantes ou de sala de recursos, mas a toda a rede. Neste caso, acontecem reuniões de acompanhamento para orientação constante.

A diretora conta que há uma grande procura pelo curso de educação física adaptada. "Os professores de educação física, de um modo geral, ficam muito interessados em descobrir

novas formas de trabalhar o corpo das crianças e jovens especiais. Eles são muito abertos às nossas propostas", comenta. O documentário *Cortinas*, sobre o preparo e apresentação de um espetáculo de alunos da Escola Especial Municipal Marly Fróes, produzido pela MULTIRIO (*leia na edição 62 de NÓS DA ESCOLA*), é um exemplo de como o trabalho com o corpo pode ajudar no processo de aprendizagem. Muitas técnicas foram desenvolvidas ao longo dessas três décadas, tanto para a parte cognitiva como para a sensorial ou motora. Mas mesmo com todos os recursos disponíveis, pode acontecer de um professor não se adaptar à nova realidade de lidar com alunos especiais. Caso isso aconteça, ele é dispensado do Instituto: é imprescindível ter comprometimento com a atividade.

A visão do trabalho contínuo leva o Helena Antipoff a procurar parceria com outras instituições. Na Uerj, são desenvolvidas pesquisas sobre como o sistema de libras pode ser utilizado como comunicação alternativa. Foi fechado um acordo com a Universidade Cândido Mendes para a criação de 14 cursos de extensão, cada um para uma área específica da educação especial. A instituição também está começando a desenvolver uma pesquisa com a Academia Brasileira de Ciências (ABC) sobre emancipação e trabalho na vida adulta. "É importante que haja política afirmativa, cota



para portadores de deficiência, mas é preciso ter o bom senso de adaptar o trabalho a quem pode fazê-lo”, atenta Leila.

Tecnologia – Novidades tecnológicas também têm sido um poderoso instrumento a serviço da inclusão educacional. Um dos produtos desenvolvidos com esse objetivo é o Dosvox, sistema operacional elaborado pelo Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ele permite que pessoas cegas utilizem o computador para desempenhar diversas tarefas, criando independência na hora de estudar, por exemplo. O Dosvox se comunica com o usuário por meio de síntese de voz, criando uma comunicação através de programas específicos e interfaces adaptativas, na maioria das vezes com voz humana gravada. Ele ainda possui um impressor/formatador para braille. O Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações (CPqD) também criou o software TextoFala. O aplicativo é capaz de converter números, nomes, endereços, valores monetários ou qualquer outro texto em português em fala sintetizada, além de permitir a geração de arquivos de som a partir de arquivos-textos.

A empresa Auditivo desenvolveu o PCAudi, que permite ao deficiente auditivo ouvir melhor os sons reproduzidos no computador, através de qualquer programa de reprodução e transferência de áudio, como MediaPlayer, RealPlayer e Skype, entre outros, além de sistemas de bate-papo. Ele intercepta qualquer som que esteja sendo reproduzido no computador e o trata através de processamento digital de sinais, mesmo que haja ruídos que atrapalhem a compreensão de uma fala. Como o deficiente auditivo escuta melhor algumas frequências do que outras, o programa inclui tratamento do sinal no domínio da frequência.

Superdotação – Crianças e jovens superdotados também são atendidos pelo Helena Antipoff e por órgãos federais, como os Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAHS), além de entidades civis. Há algumas ONGs que dão bolsas de estudo para que o superdotado consiga concluir o ensino superior. “O professor precisa detectar essa característica porque as grandes lideranças

são quase sempre pessoas superdotadas”, comenta Leila Blanco.

Há vários tipos de superdotação nas áreas lógico/matemática, lingüística, em esportes e nas artes. Por isso, foi-se o tempo em que teste de QI era a única ou principal referência para determinar se alguém era superdotado: trabalha-se com inteligências múltiplas. Aliás, este é um assunto ainda pouco estudado, o que leva às vezes a informações errôneas. Há uma série de indicadores que conduzem ao diagnóstico – às vezes, a saída é observar a criança em uma brincadeira.

Crianças superdotadas podem ser erroneamente diagnosticadas por leigos como muito agitadas ou com déficit de atenção, quando na verdade possuem uma energia, criatividade e espírito de liderança que, bem direcionados, podem contribuir com a turma. “O professor deve trabalhar com o conhecimento que este aluno está trazendo, mesmo que seja um assunto que o educador não domine. Todos saem ganhando. O professor não pode se sentir ameaçado. Aquele que aceita a superdotação de seu aluno abre as possibilidades da turma e ajuda a integrá-lo”, diz Susana Graciela Pérez Barrera Pérez, doutora em educação em altas habilidades e presidente do ConBraSD – Conselho Brasileiro para Superdotação. Apesar de não trabalhar com atendimento, o órgão presta orientação ao público, promove pesquisa na área e em novembro organizará um encontro nacional e um curso de capacitação (*leia em Saiba mais*).

Não há estatísticas oficiais no Brasil, mas a Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que entre 3,5% e 5% da população mundial sejam de superdotados. Dados não-oficiais do Brasil apontam que devem existir cerca de 2,5 milhões de superdotados no ensino básico. Na região metropolitana de Porto Alegre, foi realizada pesquisa em 31 municípios – incluindo a capital –, que revelou um índice de 7,8% de pessoas com altas habilidades. Por isso, é mais comum do que se pode imaginar a evidência de que um filho ou aluno seja um deles. É comum os pais procurarem orientação nessa situação. E mesmo que na escola um caso de superdotação nunca tenha sido detectado a hipótese não deve ser descartada. O professor, além de ajudar na identificação, deve saber lidar com isso de uma forma que não se torne uma problema para a criança. ►



ENDEREÇOS

- Instituto Municipal Helena Antipoff
Rua Mata Machado, 15
– Maracanã. Tel.: 2569-0378.
www.rio.rj.gov.br/sme/leia_tambem/lha.htm
- Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S)
Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho
Rua Manuel Continentino, 31,
São Domingos, Niterói
Tel.: 2717-2983 / 2717-0723
- Programa Rompendo Barreiras – Uerj
Rua São Francisco Xavier, 524
– 12º andar – sala 12.001
– Bloco A
Tel.: 2587-7371
<http://rompendobarreiras.googlepages.com>

“Nós temos uma sociedade baseada na hierarquia da inteligência, como se não existissem vários tipos de inteligência. Geralmente, quando a superdotação é em música ou dança, por exemplo, não acham que é”, comenta Graciela. É preciso estar atento a este potencial. A criança superdotada geralmente tem espírito de liderança e descobre soluções criativas para os desafios. Todo este potencial pode e deve ser desenvolvido. Às vezes, o aluno é isolado pela turma e o professor não se dá conta. Por exemplo: quando ele se destaca por fazer muitas perguntas ou por acertar tudo antes dos colegas, o educador não deve cair no erro de tolhê-lo nem supervalorizá-lo, pois isso pode fazer a turma afastar-se dele.

A presidente da ComBraSD exemplifica “Tivemos o caso de uma aluna que se interessou por um assunto difícilimo, ligado à física quântica, e que queria mostrar isso em sala de aula. A professora não conhecia o assunto, mas mesmo assim deixou que a aluna expusesse aos colegas o que tinha aprendido a respeito. Houve uma valorização tanto daquela aluna,

que conseguiu explicar muito bem aos colegas o assunto, como da turma e da professora, que ganharam informações novas”.

Mais uma vez, o papel da família e da escola está lado a lado. A ansiedade dos pais e as dúvidas dos professores podem ser resolvidas de forma conjunta, e tanto uns como outros podem e devem conseguir auxílio em lugares de atendimento específico. “Quando as crianças são bem atendidas, tudo corre bem. Mas quando não tem escola que acompanhe elas ficam perdidas”, relativiza Graciela. Para superdotados na área cognitiva, o Helena Antipoff planeja uma parceria com a Academia Brasileira de Ciências, para ver como será possível abrir espaço para eles em institutos de grandes universidades de uma forma que sejam bem recebidos pelos colegas. O esforço de adaptação deve ser constante. “Geralmente, eles são muito desadaptados porque percebem cedo como é o mundo. Muitos se revoltam ou perdem o interesse pela vida”, diz Leila Blanco. E, com isso, mentes privilegiadas perdem a batalha para o preconceito e a falta de informação. ■

Conquistas da Carta-Cidadã

Após atingir a maioria, Constituição de 1988 ainda norteia os anseios civilizatórios dos brasileiros

“Divergir, sim. Descumprir jamais. Afrontá-la, nunca. Traidor da Constituição é traidor da Pátria. Conhecemos o caminho maldito: rasgar a Constituição, trancar as portas do parlamento, garrotear a liberdade, mandar os patriotas para a cadeia, o exílio, o cemitério. A persistência da Constituição é a sobrevivência da democracia”. Com essas palavras, o então presidente da Assembléia Nacional Carta, Ulysses Guimarães, inaugurou uma nova fase da história do Brasil. O discurso na sessão de 5 de outubro de 1988 mostra o ânimo dos legisladores que promulgaram a nova Carta brasileira, chamada de Constituição-cidadã. Eles trouxeram de volta o espírito democrático ao país, depois dos anos de chumbo, marcados pelo desrespeito à liberdade e à dignidade do cidadão.

Passados 20 anos desta sessão solene, o que temos de saldo e de desafios para construir uma sociedade ainda mais digna e desenvolvida? Para os constitucionalistas, é ponto pacífico que o maior mérito da lei maior de 1988 foi ter consolidado um Estado democrático de direito (regido por leis legitimadas pelos cidadãos). Nestas duas décadas, em nenhum momento, mesmo nos de instabilidade política, as decisões tomadas desrespeitaram a Constituição; tampouco afetaram os pilares da democracia.

Segundo o advogado e professor titular de direito constitucional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Luís Roberto Barroso, a Carta Magna ultrapassou obstáculos importantes durante crises institucionais, como o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello e o escândalo do mensalão no primeiro mandato do governo Lula. Segundo Barroso, isso é um amadurecimento do Estado brasileiro, que não cogitou qualquer solução que fugisse ao respeito à legalidade constitucional. Já para o professor titular de direito constitucional da Universidade de São Paulo (USP) Virgílio Afonso da Silva, os grandes testes para a Carta Magna não foram pontuais, mas diários, já que nem sempre é fácil aplicar seus preceitos e respeitá-la.



Ulysses Guimarães, o símbolo da Constituinte

Essa normalidade constitucional é uma novidade, se analisada a história política do país. O Brasil não tem tradição democrática, mas de golpes, contragolpes e quarteladas. A cada crise no governo, outro tomava o poder sem a participação do povo e criava uma nova constituição, alterando as normas de acordo com seus interesses. “Essa é uma maldição que nos acompanha desde que D. Pedro I dissolveu nossa primeira Assembléia Constituinte [em 1823]”, ironiza Barroso. Não é à toa que tenhamos oito constituições em menos de dois séculos, um número significativo, se compararmos Brasil e Estados Unidos, que têm uma única desde 1787.

Princípios – Uma marca forte da Constituição de 1988 é a preocupação com a dignidade humana, um dos princípios fundamentais expressos no seu artigo 1º. Pode parecer firula, mas na realidade é uma conquista histórica das constituições elaboradas depois da Segunda Guerra Mundial. Com o horror do holocausto, ►

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

FERNANDO BIZERRA /

REPRODUÇÃO DO

SITE DA CÂMARA

SAIBA MAIS

Livro

- *20 anos da constituição cidadã*, organização de José Ribas Vieira, Editora Forense.

Internet

- A Câmara dos Deputados lançou um portal em comemoração aos 20 anos da Constituição brasileira. O endereço é: <http://www2.camara.gov.br/legislacao/constituicaoacitada>

as nações preocuparam-se em proteger os direitos humanos de forma mais eficiente, incluindo-os no texto constitucional. Isso porque o governo nazista de Hitler (1933-45) passou por cima deles, ainda que respeitando a carta maior da Alemanha.

No entendimento do professor titular de direito constitucional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Universidade Federal Fluminense (UFF), do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), José Ribas Vieira, algumas políticas que perseguem este princípio têm funcionado, como as lutas contra a discriminação racial e de gênero e contra a violência ao cidadão. Um exemplo recente é a Lei Maria da Penha (nº 11.340/2006), que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, conforme o parágrafo 8º do artigo 226 da Constituição federal.

Barroso afirma que a forma como foi estruturada a Carta Magna demonstra o espírito da época. “Do ponto de vista da estrutura e da construção, tem algumas diferenças importantes em relação às constituições anteriores, mesmo as democráticas. Por exemplo, ela não começa pela organização do Estado, mas pelos princípios, vindo depois os direitos fundamentais [como o direito às liberdades de expressão e de associação]. É uma mudança puramente simbólica, que no entanto revela a preocupação em dar destaque a esses pontos”.

O fato de na parte destinada a princípios fundamentais a Carta estabelecer objetivos a serem alcançados é uma forma de orientar como deve ser a nação. Deste modo, o seu artigo 3º – que determina a construção de uma sociedade, livre, justa e solidária; a garantia do desenvolvimento nacional; a erradicação da pobreza e da marginalização e a redução das desigualdades sociais e regionais; além da promoção do bem de todos sem preconceitos e quaisquer formas de discriminação – é uma imposição ao Estado. “Estas normas que acenam com tarefas, com programas, com fins públicos têm uma efetividade menor do que outras, mas mesmo assim desempenham papel útil no sistema”, explica Barroso.

Para a procuradora do estado de São Paulo e professora titular da Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo (PUC-SP), Maria Garcia, o fato de a Constituição ser iniciada com os fundamentos do Estado no artigo 1º e ter elencado os cinco direitos fundamentais básicos no artigo 5º (vida, liberdade, igualdade, segurança e propriedade) fez com que esses direitos fossem institucionalizados logo após a promulgação da Lei Maior, ainda que não houvesse uma regulamentação pelo Poder Legislativo. Antigamente, os beneficiários desses direitos tinham que aguardar anos e anos para que o legislador se manifestasse em relação a eles, quando o fazia.

No entendimento de Vieira, a presença dos princípios na Lei Maior é necessária porque ajuda no avanço das reivindicações populares. “É importante que as normas dêem aos movimentos sociais trincheiras para lutar. Se está lá o combate à pobreza, é importante para a luta. Hoje, estamos reabrindo as discussões da Lei de Anistia. Se não houvesse a orientação de que tortura é crime, como se poderia levar adiante essa discussão? Essas questões são importantes, pena que muitas vezes sejam usadas das piores maneiras possíveis”, pondera o professor da UFRJ.

Social – Entre os principais avanços da atual Constituição, além do da consagração dos direitos fundamentais, está o enfoque nos direitos sociais. Na avaliação do constitucionalista da USP, o Brasil ainda está longe de alcançar esses objetivos, mas as bases para isso estão lançadas e bem sedimentadas. Vários temas detalhados na Lei Maior antes eram reservados à esfera da política ou da economia, sem previsão constitucional.

Vieira acrescenta que houve generosidade com os direitos sociais no texto da Carta Magna, no que diz respeito à criação de uma seguridade social com caráter universal; liberdade de ensino, com gestão democrática da escola; e a universalização do acesso à saúde, com o Sistema Único de Saúde (SUS). Entretanto, na opinião do professor da UFRJ, a reforma previdenciária desmontou as conquistas expressas na Constituição. As emendas constitucionais substituíram o tempo de serviço pelo de contribuição (Emenda 20), instituíram contribuição de aposentados e pensionistas (Emenda 41) e mudaram a fórmula de contagem do tempo para a aposentadoria (Emenda 47).

No entendimento de Afonso da Silva, mesmo que a utilização dos direitos sociais entre nós não tenha sido a desejada nestas duas décadas, é importante lembrar que o problema não foi causado pela legislação. “A Constituição sozinha não é capaz de realizar algo. É tarefa da política, da economia, do direito realizar o que foi garantido pelo texto constitucional. Esse é o grande desafio”, acrescenta o constitucionalista da USP. Segundo ele, o fato de algumas metas definidas pela Constituição ainda não terem sido alcançadas pela sociedade não desqualifica a Lei Maior. Isso só acontece se parte considerável dessas metas deixar de ser atingida – aí sim pode haver um enfraquecimento da sua força normativa.

Maria Garcia reforça a tese de que a concretização desses direitos depende, basicamente, dos investimentos governamentais. Apesar disso, avançou-se na conscientização da existência desses direitos, justamente pelo fato de estarem consagrados na lei que norteia todo o ordenamento jurídico brasileiro. Para estar completa, essa conscientização precisa, de acordo com a procuradora do Estado de São Paulo, de um elemento fundamental: a educação política, para que as conquistas sejam efetivadas.

No tocante ainda aos direitos sociais, a habitação é considerada um dos grandes nós do desenvolvimento social. De acordo com Barroso, é preciso haver uma política abrangente de habitação popular. “O Estado brasileiro é um favelizador ideológico. Se o Estado não encontra financiamentos adequados, as pessoas se favelizam. Tem que haver políticas de contenção para que a vida urbana não se torne impossível. Mas isso não significa erguer um muro para que as favelas não se disseminem. Significa oferecer alternativas para as pessoas morarem”, deduz o professor da Uerj.

Na opinião de Ribas Vieira, não houve novidades no sindicalismo com a nova Constituição e tampouco nos últimos 20 anos, já que foi mantida a estrutura corporativa do período Vargas. Outra questão bastante debatida é o futuro da previdência social. Barroso lembra que, com o aumento da expectativa de vida – característica presente em diversos países –, pode haver um colapso nos sistemas previdenciários, sob pena de não conseguir servir adequadamente a ninguém.



Ulysses posa com jornalistas e fotógrafos após sessão final da Constituinte

Futuras gerações – Com duas décadas, ainda há muito a construir e outro tanto já se caminhou, tirando o país da sombra autoritária. O importante daqui para frente é que os cidadãos brasileiros conheçam seus direitos e deveres. Afonso da Silva reconhece que é difícil uma divulgação ideal, entre tantas razões, pelo fato de o próprio texto constitucional ser complexo e ter uma linguagem pouco acessível. “Com certeza, nem todos sabem a importância do Estado democrático de direito ou de uma constituição democrática como a nossa. Nesse ponto é necessária uma forte ênfase na educação”, complementa.

Na opinião de Ribas, o importante é que se construa uma memória a favor da democracia, porque muitos jovens que serão os futuros dirigentes deste país não têm a real dimensão do que foi o passado autoritário e o quanto custou chegar aonde se chegou, já nasceram em um Brasil redemocratizado. No entendimento de Barroso, precisa haver uma consciência permanente das nossas conquistas para que não haja retrocessos. Entretanto, ele não acha de todo ruim não se pensar diariamente no que significa viver em um Estado democrático.

“Há determinados patamares civilizatórios que se atingem e se passa a desfrutar deles sem muita atenção. Isso é bom, porque a gente não presta atenção quando respira. É uma coisa natural. As mulheres já não precisam celebrar a cada dia que têm uma condição equiparada à dos homens. Os negros não precisam mais festejar que a posição deles é igual à dos brancos, os judeus não precisam mais comemorar por não serem mais perseguidos. A gente avança e incorpora os avanços à normalidade da vida”, finaliza o professor da Uerj. ■



Confissões de adolescente

O desafio de conviver com histórias que falam de gravidez precoce a envolvimento com ações ilícitas

Muitas vezes o professor se depara com situações delicadas em que recebe confissões de alunos que podem colocá-lo numa saia justa. Afinal de contas, o ato da confidência envolve uma relação de confiança. Mas esta não é a única questão envolvida, pois o docente tem uma responsabilidade ética de zelar pelo bem-estar da criança ou do adolescente e também pelo do resto dos alunos da escola. Há desde casos de gravidez precoce, passando por pequenos furtos e uso de álcool, a envolvimento com ações ilícitas, o que acrescenta um elemento dificultador para o docente saber como agir.

Para o psicomotricista Gustavo Vasconcellos, é preciso avaliar a natureza da confissão do aluno, assim como sua credibilidade. “É preciso ver se o aluno é reincidente ou se é a primeira vez que ele comete aquele determinado ato. Também é preciso ver o que ele busca. Há arrependimento? Qual é o grau de compromisso dele com a escola, os outros alunos e o próprio professor? Se isso não existe, ele pode estar tentando manipular o professor, buscando uma cumplicidade no ato. É a partir deste diagnóstico que o professor deve estabelecer sua conduta”, comenta. Neste último caso, acredita, o professor tem que impor limites mais severos.

Em sua opinião, se o jovem está ciente de seu equívoco e do quanto isso pode afetar sua vida acadêmica, e se há uma intenção de reparar esse dano, então, o professor pode auxiliá-lo. O viés do interesse deve ser diretamente proporcional ao histórico do aluno. “Se é um histórico de compromisso, é uma coisa. Se é de delinquência, de falta de vínculo com a escolaridade, merece uma intervenção mais severa. Também é preciso ver qual é a extensão da atitude do jovem, se a questão vai além do território da escola e, no caso de haver uma infração envolvida, qual é a sua natureza”, analisa.

Para fazer essa avaliação, Vasconcellos considera importante uma sondagem com outros professores e profissionais da escola que possam conhecer o aluno em questão e ajudá-lo a decidir a melhor ação a ser tomada. “Não se pode, num primeiro momento, condenar, mas também não se pode ser conivente, passar a mão na cabeça. Além disso, é preciso singularizar cada caso. Não se pode generalizar”, ressalta.

Relação de confiança – Já a professora da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) Isabel Cristina Dib Bariani afirma que o professor nunca deve trair a confiança nele depositada. “Ele só deve envolver outras pessoas na situação após a permissão do adolescente”, comenta, acrescentando que, quando o aluno relata ao professor suas infrações, fica evidente que ele está buscando ajuda e cabe ao docente ajudá-lo a buscar alternativas para remediar o que realizou e buscar alternativas de vida.

Uma das dificuldades de o professor auxiliar o aluno acontece quando ele se depara com famílias ou responsáveis que não se mobilizam em prol do adolescente e pouco ou nada se importam com o destino de suas vidas. “O professor exerce um papel relevante no desenvolvimento e na formação sociocognitivo-emocional do aluno. Sendo assim, pode ser um importante precursor e motivador da regeneração do adolescente que cometeu um ato infracional”, diz Isabel.

Para ela, o grande desafio é não desistir e continuar procurando ajudar esses adolescentes da melhor forma possível. Ela reconhece que existem riscos e dificuldades, no caso de jovens infratores. “Uma grande dificuldade é o risco de represálias a que se está sujeito. É real a possibilidade de se sofrer um revés ao se tentar ajudar, por exemplo, um adolescente ►

TEXTO

FÁBIO ARANHA

ILUSTRAÇÃO

ALINE CARNEIRO

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

SAIBA MAIS

Endereços dos Conselhos Tutelares

<http://www.rio.rj.gov.br/smas/Ctutelarenderecos.html>

envolvido com o tráfico. Que destino dar a muitos desses adolescentes que as famílias não querem mais em casa é outro problema muito sério”, complementa.

Nos casos em que o bem-estar da criança ou do adolescente está ameaçado, o professor também pode recorrer aos conselhos tutelares do município. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, a escola deve encaminhar para o Conselho, além de casos de falta e repetência, casos de maus-tratos que envolvam alunos, o que inclui negligência e abandono por parte dos responsáveis.

Direitos da criança – O Conselho pode tomar medidas aplicáveis aos pais e responsáveis, como encaminhamento a programa oficial ou comunitário de proteção à família; inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras; encaminhamento a tratamento psicológico ou psiquiátrico; obrigação de matricular o filho ou pupilo e acompanhar sua frequência e aproveitamento escolares; advertência; destituição da tutela; ou até suspensão ou perda da guarda da criança, em último caso. Mesmo que o responsável não saiba das infrações cometidas pelo menor, ele pode ser citado por negligência. “As medidas não têm cunho punitivo, no início. Em último caso,

se elas não surtirem efeito, recorre-se a uma representação judicial. A intenção é de fazer valer os direitos da criança”, explica a pedagoga Ana Carolina Noronha, conselheira do Conselho Tutelar de Vila Isabel.

Quanto à possibilidade de retaliação do aluno ou responsável, o que pode, muitas vezes, inibir os professores de denunciar, a conselheira afirma que o Conselho tem obrigação de manter sigilo, o que serve para aliviar um pouco a pressão sobre quem vai fazer a denúncia. Ela ressalta também que a denúncia pode ser feita por qualquer indivíduo. “É dever da sociedade zelar pelo bem-estar da criança e do adolescente. É uma questão de consciência”, frisa. Para fazer uma denúncia, o indivíduo deve ligar para o conselho tutelar da região onde reside o adolescente ou criança. Ela também pode ser feita, de forma anônima, ao Disque Denúncia (2253-1177 ou 100, no Rio de Janeiro).

Também cabe informar ao Ministério Público da Vara da Infância e da Juventude. Se a infração for cometida dentro da escola, é obrigação fazer o registro da ocorrência. Casos comuns que se enquadram nessa categoria são, por exemplo, agressão ao professor, dano ao patrimônio público ou porte de arma, incluindo arma branca, que é o mais comum, ou até arma de fogo. ■



Novo olhar sobre o barroco



Azulejaria barroca e fachadas neoclássicas foram recriadas por alunos de Campo Grande

Excesso de ornamentos, contrastes, linhas curvas, uso do dourado, formas rebuscadas e marcadas pela emotividade. Os elementos que caracterizam a arte barroca estão presentes em fachadas e interiores de construções do Rio de Janeiro, mas, como um patrimônio desconhecido, passam despercebidos pela maior parte da população carioca. Mas não por alunos do oitavo ano do terceiro ciclo da Escola Municipal Rosária Trotta (10ª CRE), em Campo Grande, que não apenas conhecem como são artistas com suas próprias produções barrocas.

O trabalho foi iniciado pelo professor de artes visuais Marcelino Rodrigues, com três turmas, para introduzir a discussão do período da vinda da Família Real para o Brasil. “Querida falar da Família Real, mas não podia começar do nada. Então parti do contexto do barroco até chegar ao neoclássico”, explica o professor. Mas o objetivo principal é sensibilizar o olhar dos estudantes e criar uma nova forma de apreciação das artes através do conhecimento. “Eles são apresentados a um novo tipo de visualidade,

diferente do da televisão. E agora já estão começando a perceber que a arte está próxima, em lugares onde antes não notavam. Não existe mistério. É preciso dar recurso e referencial estético para que a criança possa perceber e criar”, diz Marcelino.

Através de livros, filme e da apreciação crítica de imagens, os alunos foram apresentados ao contexto histórico e aos elementos visuais que marcaram a arte barroca no Brasil. Aos poucos, eles foram descobrindo o sentido de uma arte com tantos contrastes e tão dramática e a explicação para o recorrente tema da religiosidade. As formas retorcidas, as linhas curvas e a simetria também ganharam significado através de pesquisas. Tudo para que os estudantes analisassem os conceitos carregados pelo estilo, em vez de partir para uma mera reprodução de obras barrocas. “Quando eles começam a fazer um produto, já percorreram toda uma trajetória em que se apropriaram dos elementos fundamentais do estilo através de pesquisas, textos e imagens”, reforça Marcelino. ▶

TEXTO

JULIANA SARTORE

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



A arte barroca

O barroco surgiu na Itália, mais precisamente em Roma, no início do século XVII, e se espalhou pela Europa e América Latina até o século XVIII. O movimento nasceu no período da Contra-reforma, em que a Igreja Católica tentava reafirmar seu poder e reconquistar o espaço perdido pelo cristianismo durante o Renascimento e com a Reforma protestante, iniciada por Martinho Lutero no século XVI. A arte expressa todo o contraste deste período: a espiritualidade e teocentrismo da Idade Média *versus* o racionalismo e antropocentrismo do Renascimento.

Como um dos instrumentos de promoção da Igreja Católica, a arte barroca foi financiada pelo clero e pelos regimes absolutistas monárquicos. Por isso, as obras estão ligadas tanto a temas religiosos como à construção de imponentes igrejas folheadas a ouro e de suntuosos palácios, todos decorados com materiais nobres.

O estilo foi uma reação à arte equilibrada do Renascimento, caracterizando-se pelo apelo emocional, pela sensualidade dos traços e pelo exagero das formas e de ornamentos. As obras barrocas são rebuscadas, requintadas, detalhistas, cheias de contrastes, dinamismo e com cenas que remetem ao conflito humano. A pintura e a escultura buscavam impressionar o espectador e utilizavam a verossimilhança e a dramaticidade das cenas para provocar emoção. Nas esculturas, predominam as curvas, os relevos e a utilização da cor dourada. Já na pintura, as cores, os jogos de luz e sombra e os grandes contrastes.

A arte barroca se desenvolveu no Brasil com o ciclo do ouro, tanto nas regiões auríferas quanto no litoral do país. A riqueza das cidades de Minas Gerais propiciou uma intensa vida cultural, onde o barroco despontou. O maior expoente do barroco mineiro foi o escultor Antônio Francisco de Lisboa, o Aleijadinho. Sua obras, de forte caráter religioso, eram feitas em madeira e pedra-sabão. Outros artistas importantes foram o pintor mineiro Manuel da Costa Ataíde e o escultor carioca Mestre Valentim.

Na hora de pôr a mão na massa, a azulejaria foi a técnica escolhida para o processo de criação, por estar mais próxima do cotidiano dos adolescentes. Cada aluno reproduziu seu azulejo, mas não sem antes pesquisar a história da peça e ter imagens de azulejos da época como referência. Apresentados à técnica da simetria, eles puderam compor sua própria parede, construída coletivamente num dos murais da escola.

Do barroco ao neoclássico – A partir dos conceitos de simetria, o professor conduziu os alunos ao estilo seguinte: o neoclássico. Assim como no estudo do barroco, eles puderam desenhar suas próprias fachadas com colunas, arcos e frontão triangular. Os desenhos decoram os murais da escola e mostram como os elementos arquitetônicos foram assimilados pelos estudantes. Mesmo com traços bastante pessoais, eles revelam conceitos comuns de referência ao neoclássico.

“Acredito que os alunos se interessaram pelo trabalho devido à surpresa. Ao começar um trabalho, eles nunca sabem o que vai sair, qual será o resultado. E essa é uma forma de prender a atenção deles. Parece bobo, mas um papel carbono e a maneira de utilizá-lo são novidades e movem a curiosidade. Além disso, os estilos artísticos também são algo novo, de que eles nunca tinham ouvido falar. Então há a questão da descoberta, que torna tudo mais prazeroso,” diz Marcelino.

Foi assim que nomes antes desconhecidos como o Aleijadinho e Mestre Valentim ganharam significado para os estudantes. “É muito interessante ver o que era produzido antigamente e ainda saber como era feito e por que foi feito assim”, diz a aluna Adrielle de Cássia, de 14 anos.

O grande trunfo do trabalho é, de fato, a ampliação do universo cultural, segundo o professor. “O objetivo é que o aluno saia do universo empobrecido que a mídia vem trazendo. Eles estão no oitavo ano, mas nenhum deles sabia quem era o Aleijadinho. As aulas vêm para isso: para mostrar ao aluno o que existe. Porque ele está adormecido e tende a pensar que o que não está na TV não existe”, conclui Marcelino. ■

Arte com as próprias mãos



Entrar em contato com o fascinante mundo da arte e, de quebra, aprender a se expressar através da pintura de quadros que serão expostos no final do ano para toda a comunidade escolar. É isso o que estão fazendo os alunos da E. M. Elizabeth Papera, de Paciência (9ª CRE). Durante todo o ano letivo, alunos de quatro a oito anos de idade estarão conhecendo melhor vida e obra de artistas que contribuíram para a cultura brasileira e mundial, como Oscar Niemeyer, Aleijadinho, Tarsila do Amaral, Volpi e Monet. Além disso, produzirão pinturas próprias, que serão expostas na III Mostra Literária da escola, no dia 19 de novembro.

O projeto tem como base o tema Olhando o Mundo com Outros Olhos, que este ano enfoca especificamente a arte como forma de expressão literária, artística e cultural. A primeira mostra aconteceu em 2006 e tratou de literatura. Foram trabalhados autores como Ziraldo, Maurício de Souza, Bia Bedran e Ana Maria Machado. A edição de 2007 foi sobre música e deu destaque a gêneros como o samba, MPB, forró e *funk*, além de artistas como Tom Jobim, Gonzaguinha e Pixinguinha.

As crianças aprendem de tudo sobre os artistas plásticos e escultores: suas vidas, os lugares em que trabalharam, o material que usavam, entre outros aspectos. Trata-se de ►

TEXTO

FÁBIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



Alunos ensaiam apresentação de fim de ano com inspiração na estética chinesa

um trabalho interdisciplinar: nas aulas de português, por exemplo, os alunos comentam em textos suas impressões sobre os quadros e outras obras que viram. Nas de matemática, trabalham com as formas geométricas das pinturas ou aprendem a contar a partir dos elementos presentes nos quadros. Nas de ciências, discutem o ambiente retratado nas obras. Já nas aulas de história, comparam cenas e elementos (como cabelos, roupas e utensílios) da época em que determinada obra foi produzida com os seus equivalentes nos dias atuais.

Quadros de uma exposição – Além de conhecer os artistas, os alunos também estão aprendendo a pintar e a produzir obras próprias, que serão expostas na mostra do final do ano. “Esse trabalho é ótimo, porque os ajuda a perder a timidez, além de aumentar a auto-estima. Eles percebem que também podem produzir obras bonitas”, afirma a coordenadora pedagógica da Elizabeth Papera, Vânia Bastos. No evento, pais e responsáveis que pintam ou fazem algum tipo

de arte também irão expor suas obras. Além disso, haverá uma apresentação do grupo de dança da escola.

Vânia afirma que os alunos estão muito empolgados com os artistas que estão conhecendo e suas obras. “Quando nós os levamos aos museus, seus olhos brilham. Se até nós adultos nos surpreendemos, imagine eles. Eles estão eufóricos para fazer seus quadros e colocá-los em exposição no final do ano”, ressalta.

Para a coordenadora pedagógica, a mostra literária representa o fruto do trabalho de um ano inteiro, que envolve muita pesquisa e estudo por parte de alunos e professores. “Ela fecha o ano com chave de ouro. As sementes que plantamos o ano inteiro se transformam em bons frutos que colhemos com a mostra literária. É um evento muito gostoso de participar. As crianças ficam contentes, os pais vêm e ficam orgulhosos. Depois que acontece, elas passam dias contando suas impressões. É muito gratificante, pois vemos que nosso trabalho valeu a pena”, conclui. ■

Feijoada de gêneros musicais

Modas, modinhas e lundus dos tempos de D. João estão nas origens das canções que ouvimos hoje



Letras românticas e uma ginga toda especial são marcantes na música popular brasileira. E não é por acaso que nossas canções tenham estas características. Quando aportou aqui no Rio em 1808, a Família Real Portuguesa trouxe consigo a moda, um gênero musical tocado nos bailes da Corte. E, como não poderia deixar de ser, essa música se misturou ao batuque dos escravizados africanos, criando variações que deram origem aos gêneros que conhecemos hoje, como o maxixe, o samba e o choro.

As expressões musicais populares que mais fizeram sucesso nos tempos de D. João

foram a modinha e o lundu, uma dança criada a partir dos atabaques dos escravizados bantos trazidos ao Brasil. Aliás, esses gêneros musicais que estão nas origens da MPB fazem parte dos Concertos Itinerantes, realizados pela Prefeitura do Rio nas lonas culturais espalhadas pela cidade (*leia no quadro*).

A modinha é uma variação da moda europeia, que embalava os bailes da Corte no século XVIII. O maestro Edino Krieger, diretor geral dos Concertos Itinerantes, explica que o gênero era uma junção da quintessência da poesia com uma música oriunda da ária ►

Dança do lundu,
obra de Rugendas
sobre expressão
musical vinda da
África

TEXTO

CAROLINA BESSA

IMAGENS

REPRODUÇÃO DO LIVRO VIAGEM
PITORESCA ATRAVÉS DO BRASIL,
DE JOÃO MAURÍCIO
RUGENDAS, E FUNDAÇÃO
BIBLIOTECA NACIONAL

italiana. “Eram melodias muito sofisticadas, cheias de firulas e *vocalises*, com bastante influência da ópera”, complementa o maestro. Recorrentemente, havia um trocadilho que dizia que cantar moda era moda em Portugal.

A transformação da moda europeia em modinha surgiu da criatividade de um compositor e cantor brasileiro que já fazia sucesso em Portugal, Domingos Caldas Barbosa (1738-1800). Ele começou a popularizar o gênero, substituindo o cravo pela viola caipira. Além disso, as letras poéticas e refinadas passaram a ganhar contorno mais sentimental quando ele chegou ao Brasil. Portanto, não demorou muito para o estilo musical sair dos salões da nobreza para ganhar as ruas, caindo no gosto popular. “Interessante é que muitos compositores de moda portuguesa e da modinha brasileira, no início, compunham música erudita. O próprio Marcos Portugal (compositor oficial da Corte Portuguesa no Brasil) é um exemplo. Ele tradicionalmente compunha óperas. O compositor austríaco Sigismund Neukomm também se interessou pelas modinhas”, ressalta Krieger.

O lundu, outra expressão musical da época fez o caminho inverso. Trazido pelos escravizados de Angola e do Congo, era inicialmente uma dança, por sinal, considerada lasciva e proibida, acompanhada de instrumentos de percussão, como os atabaques e outros tipos de tambores. O mesmo Domingos Caldas Barbosa mais uma vez inovou,

aproveitando o ritmo do lundu para compor canções e o misturou à modinha. Foi assim que os ricos também passaram a ter acesso à musicalidade africana.

Para Krieger, a música popular brasileira é uma espécie de feijoada, sendo o lundu, o feijão e os outros ritmos as carnes e o tempero que compõem esse som todo especial. No século XIX, o lundu se associou à polca europeia, que estava em voga principalmente no Rio de Janeiro. De acordo com o maestro, esses dois estilos aliados ao tango de origem espanhola e à habanera (estilo de dança criado em Havana, Cuba) resultaram no primeiro estilo tipicamente brasileiro: o maxixe, que é o grande precursor do samba e do choro. A modinha, por sua vez, ganhou outros contornos e tornou-se MPB. “A modinha continuou a ser composta nos tempos atuais. Tom Jobim e Carlos Gomes, por exemplo, fizeram modinhas. Vem delas, essa melodia sentimental da nossa canção”, afirma Krieger.

A música clássica também bebeu desta fonte e absorveu melodias e ritmos gerados neste processo de formação da música popular brasileira. De acordo com o maestro, há uma fusão de música folclórica, música popular urbana e música clássica. Foi com o maestro Heitor Villa-Lobos (1887-1959) que esta união se concretizou. “Entretanto, quando se ouvia, por exemplo, Chiquinha Gonzaga, já se reconhecia uma música tipicamente brasileira”, conta Krieger. ■

Registros de uma época

Os concertos de câmara itinerantes nas lonas culturais municipais vão até setembro. Quatro grupos vocais e instrumentais – o Coro de Câmara Pro-Arte, o Quarteto Colonial, o Quadro Cervantes e o Grupo Re-Toques – apresentam músicas religiosas, modinhas e lundus dos mais importantes compositores da época, como o Padre José Maurício, Marcos Portugal, Sigismund Neukomm, Henrique Alves de Mesquita, Antonio José da Silva, Xisto Bahia e Domingos Caldas Barbosa (na reprodução ao lado).

O maestro Edino Krieger assina a direção geral dos concertos. O repertório erudito e popular da época está sob a coordenação artística do maestro André Cardoso. Os concertos itinerantes da corte de D. João têm patrocínio da empresa Oi/Oi Futuro. A programação integra o projeto A Música na Corte de D. João VI e inclui o *Concerto dos 200 anos*, realizado na Igreja da Antiga Sé, no dia 8 de março, além da gravação e edição de cinco CDs: *Te Deum e Réquiem e Missa de N. S. da Conceição*, do Padre José Maurício; *Modinhas cariocas*; *O sacro e o profano* e *O réquiem*, de Marcos Portugal.



Preferência pelas comédias

Mais importante crítico teatral do seu tempo, Machado de Assis também enveredou pela dramaturgia



COLEÇÃO DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

machadiano

O teatro foi uma paixão de Machado de Assis na juventude. Isso não significa que as peças feitas pelo escritor nesse período tivessem menos importância que seus romances, contos e crônicas. A maneira irônica e o humor refinado já apareciam nos seus textos para o teatro e são marcantes em todos os gêneros literários posteriores. Entre dramas e comédias, ele optou pelo segundo, utilizando sempre uma linguagem elegante na construção dos diálogos.

Aos 20 anos, Machado assistia a todas as peças em cartaz nos teatros São Pedro, Provisório (construído no lugar do São João, que foi demolido), Ginásio Dramático, São Luís e São Januário. O escritor ficou conhecido primeiramente pelas críticas que escrevia sobre as peças.

Só depois é que enveredou para as próprias produções. Para Machado, o teatro era coisa séria e não entretenimento. A coordenadora do curso de letras da Universidade do Norte do Paraná (Unopar) e também do projeto de pesquisa *Comédias refinadas: o teatro de Machado de Assis*, Rosemari Calzavara, explica que, como crítico, Machado procurava exaltar os valores morais. “Ele dizia que a arte pode aberrar das condições atuais da sociedade para perder-se no mundo labiríntico das abstrações. Para ele, o teatro era para o povo o que o coro era para o antigo povo grego: uma iniciativa de moral e civilização”, ressalta Rosemari.

Na avaliação do professor de letras da Universidade de São Paulo (USP) e autor ►

Aquarela de Taunay sobre o juramento do príncipe D. Pedro feito no Teatro São João

TEXTO
CAROLINA BESSA

SAIBA MAIS

Internet

- Academia Brasileira de Letras: www.academia.org.br

Livros

- *Para conhecer Machado de Assis*, de Keila Grinberg, Lucia Grinberg e Anita Correia Lima de Almeida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- *Teatro de Machado de Assis*. Edição preparada por João Roberto Faria. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- *Idéias realistas: o século XIX no Brasil*, de João Roberto Faria. São Paulo, Perspectiva/Fapesp, 2001.

Revista

- NÓS DA ESCOLA números 56, 57, 58, 59, 60, 61 e 62 (seção Machadiano).

do livro *Teatro de Machado de Assis*, José Roberto Faria, tanto as críticas teatrais quanto as peças do autor de *Dom Casmurro* merecem ser mais conhecidas do que são atualmente. “Vale lembrar que Machado foi o mais importante crítico teatral do seu tempo e que seus escritos iluminam um dos períodos mais ricos da história do teatro brasileiro. Pelos textos de Machado de Assis conhecemos melhor como se davam os espetáculos, que peças faziam sucesso e quais artistas eram reconhecidos em seu tempo”, ressalta Faria.

Em um dos seus textos, intitulado “Idéias sobre o teatro II”, o escritor fala de problemas enfrentados pelo teatro no Brasil: “O teatro tornou-se uma escola de aclimatação intelectual para que se transplantaram as concepções de estranhas atmosferas, de céus remotos. A missão nacional, renegou-a ele em seu caminhar na civilização; não tem cunho, reflete as sociedades estranhas, vai ao impulso de revoluções alheias à sociedade que representa, presbita da arte que não enxerga o que se move debaixo das mãos. Será aridez de inteligência? Não o creio. É fecunda de talentos a sociedade atual. Será falta de ânimo? Talvez; mas será essencialmente falta de emulação. Essa é a causa legítima da ausência do poeta dramático; essa não outra.

Falta de emulação? Donde vem ela? Das platéias? Das platéias. Mas é preciso entender: das platéias, porque elas não têm, como disse, uma sedução real e conseqüente...” (*Espelho*, 2/10/1859)

Estréia – As críticas teatrais de Machado foram publicadas, a princípio, na revista *Espelho*, em 1859. A partir do ano seguinte, ele passa a escrever também para a *Revista Dramática do Diário do Rio de Janeiro*. Em 1866, há textos seus também na *Semana Literária*, do mesmo jornal. A primeira incursão dele pelo teatro foi a autoria do libreto da ópera *Pipelet*, que estreou no Teatro São Pedro. Inclusive, se encarregou de fazer a divulgação da peça em “Crônica teatral”, com as seguintes palavras: “Abre-se segunda-feira a Ópera Nacional com o *Pipelet*, ópera em três atos, música de Ferrari e poesia do senhor Machado de Assis, íntimo amigo a quem tenho muito afeto, mas sobre quem não posso dar opinião nenhuma”.

Machado preferiu escrever comédias a dramas. O professor da USP diz que é difícil saber exatamente o porquê da escolha. Mas arrisca dizer que talvez tenha sido pelo fato de que o romantismo no teatro já fosse coisa do passado na juventude do escritor. Além disso,



No Imperial Teatro
Dom Pedro II foi
encenada *Tu, só tu,
puro amor*. O prédio
foi demolido em 1933

como propõe Faria, ele admirava as comédias do teatro realista francês a que assistia no Ginásio Dramático. “Eram comédias sérias, edificantes, modelo que tinha em alta conta. Como era muito jovem ao estreiar como comediógrafo, talvez não se sentisse preparado para escrever comédias realistas mais longas, optando pela comédia curta e elegante, à maneira de Alfred de Musset¹”, explica o professor da USP. Já para a coordenadora do curso de letras da Unopar, a opção pela comédia se dá pela aproximação da realidade, por permitir que essa realidade pudesse ser vista sem melindres.

Por ter estudado o teatro clássico profundamente, Machado admirava Shakespeare, Racine, Molière, Corneille e também Victor Hugo, Alexandre Dumas Filho, Émile Augier e o próprio de Musset. De acordo com Rosemari, dos autores mais apreciados por ele destacam-se as peças *A dama das camélias*, *O mundo equívoco* e *A questão do dinheiro*, de Alexandre Dumas Filho e *O genro do Sr. Pereira*, de Augier, entre outras.

Segundo Faria, a principal característica das comédias de Machado é a elegância da linguagem na construção dos diálogos. Seus personagens são inteligentes, refinados. Por isso, há um jogo verbal nesses diálogos, cujas marcas são a espirituosidade, a ironia e o humor. “Os enredos em geral são pequenas histórias de amor, em que reinam o bom gosto, a leveza e a poesia de sentimentos. Apesar de falar de temas como relacionamentos entre jovens apaixonados, Machado também escreveu uma sátira de costumes políticos, a peça *Quase ministro* (1863), e brincou com deuses gregos que se tornavam humanos e adquiriam defeitos em *Os deuses de casaca* (1865).

Machado também traduziu algumas peças francesas como *Os descontentes*, de Racine e *O barbeiro de Sevilha*, de Rossini. Enquanto trabalhava como redator no *Diário do Rio de Janeiro*, escreveu as peças *Gabriela* e *O protocolo*. Chegou a apresentá-las para que o amigo Quintino Bocaiúva as analisasse. A resposta acabou desanimando o escritor. Segundo Bocaiúva, Machado tinha talento, mas as comédias eram para ser lidas e não encenadas. Na ocasião, Machado desistiu de investir no teatro



REPRODUÇÃO DO SITE WWW.ANDREAS-FRAEFCKE/CARTHALLA

e passou a escrever para saraus literários, para amadores, e resolveu fazer apenas traduções e adaptações. Desde então, passou a se dedicar mais a escrever crônicas.

Distanciamento – Na avaliação de José Roberto Faria, o fato de Machado ter optado por outros estilos literários pode ter sido consequência do julgamento severo de Bocaiúva. Entretanto, outros fatores podem ter influenciado seu afastamento do teatro, como a decepção com os rumos do teatro brasileiro a partir de 1865, quando nossa cena é invadida pela opereta e pelo teatro de revista. Além disso, segundo o professor da USP, o casamento com Carolina, em 1869, favoreceu o recolhimento e a calma para escrever contos e romances. “O teatro não desaparece da sua vida, mas será a partir de então uma atividade secundária”, conclui Faria.

Entre suas peças mais conhecidas estão: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862), *Quase ministro* (1863), *Os deuses de casaca* (1865), *Não consulte médico* (1896), *Lição de botânica* (1906) e *Tu só, tu, puro amor* (1881). De acordo com o professor da USP, para quem estuda a narrativa do escritor, as peças são relevantes como obras autônomas ou como um capítulo importante da história do teatro brasileiro, significando a ruptura com a farsa de costumes e a instauração de um novo nível para a comédia no Brasil. ■

O Teatro São Pedro abrigou a estréia da ópera *Pipelet*, em 1859. O libreto assinado por Machado foi seu primeiro texto levado ao palco

¹ O francês Alfred Louis Charles de Musset (1810-57) foi poeta, romancista e dramaturgo, um dos expoentes do romantismo.

Um pouco da história dos livros de abecedário

A seção deste mês fala de livros lúdicos que auxiliam no processo de alfabetização e letramento. Esses livros surgiram na Europa, por volta do século XVIII. Antes até da universalização do ensino, eles já eram utilizados para estimular e fixar o processo de alfabetização. Com a Revolução Francesa, surgiu uma onda de alfabetização e escolarização. As crianças aprendiam a ler com os professores, e era fundamental ajudá-las a fixar esse aprendizado em casa. Assim, quando veio a Revolução Industrial e os livros passaram a ser produzidos em maiores tiragens, os abecedários se multiplicaram.



O time do Tico-Tico

Coleção Tirando de Letra

Hebe Coimbra

Ilustrações: Graça Lima

Editora Manati, 2008

O time do Tico-Tico fala de uma partida de futebol entre duas equipes curiosas: o time do Tico-Tico e o time do Tubarão. Quem será o campeão?

ABC: Curumim já sabe ler!

Organização: Bia Hetzel e Silvia Negreiros

Ilustrações: Mariana Massarani

Editora Manati, 2008

Este livro traz muitas palavras que já fazem parte do universo infantil e também outras que enriquecerão o vocabulário dos jovens leitores. A escolha cuidadosa das palavras equilibra aquelas de leitura mais simples com as de média e maior dificuldades.

Para onde pulou a pulga?

Coleção Tirando de Letra

Hebe Coimbra

Ilustrações: Graça Lima

Editora Manati, 2008

Tirando de Letra é uma coleção de livros desenvolvida para reforçar, complementar e estimular os processos de alfabetização e letramento. Sem deixar de lado o caráter literário, cada obra ressalta uma letra do alfabeto e, bem ao gosto das crianças, privilegia o campo sonoro, explorando uma situação inusitada com rimas e ritmo. *Para onde pulou a pulga?* conta a perseguição do menino Pedro a uma pulga impertinente. Será que Pedro consegue pegar a pulga?





Abecedário do Millôr para as crianças

Millôr Fernandes

Ilustrações: Guto Lins

Editora Nova Fronteira, 2004

Neste á-bê-cê diferente, belamente ilustrado por Guto Lins, o jornalista e escritor Millôr Fernandes examina as letras pelo seu aspecto físico e as apresenta de maneira muito divertida: comparando suas formas, maiúsculas e minúsculas, com objetos, personagens e imagens do dia-a-dia. No fim do livro, jogos e brincadeiras garantem a diversão.

Berimbau mandou te chamar

Organização: Bia Hetzel

Ilustrações: Mariana Massarani

Editora Manati, 2008

Este álbum ilustrado, próprio para estimular a curiosidade e a leitura autônoma da criança em fase de alfabetização, traz vários versos de cantigas de capoeira e, no final, apresenta a história do surgimento e da difusão da luta afro-brasileira. No ritmo da poesia popular e no traço de Mariana Massarani, vibram as cores, a energia da luta e o toque mágico dos berimbaus.



Vivência e construção – alfabetização

Angélica Carvalho Lopes, Cláudia Miranda e Vera Lucia Rodrigues

Editora Ática, 2004

Este livro prioriza o desenvolvimento das habilidades da criança no uso da linguagem. A partir de palavras e imagens que já conhece, a criança descobre as diversas fontes de leitura e toma contato com diversos gêneros textuais: bilhetes, notícias de jornal, histórias em quadrinhos, receitas, rótulos de produtos, poemas e narrativas, propaganda, placas de sinalização, cartuns e quadros.



Na venda de Vera

Hebe Coimbra

Ilustrações: Graça Lima

Coleção Tirando de Letra

Editora Manati, 2008

Na venda de Vera vendiam-se vidros de vento, mas ninguém acreditava. Será que era verdade?

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio							
14h-14h30	Ninguém merece	Br@nché (Língua Francesa) Acervo MULTIRIO Tons e sons	Nós da Escola	Matilda Uni Duni TV	Aventuras cariocas Juro que vi	9h-9h30 Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Gerúndio e Cacófato Matilda Uni Duni TV
14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados Ao vivo	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados Ao vivo	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados Ao vivo	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados Ao vivo	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados Ao vivo	9h30-10h	Ninguém merece
Net - canal 14							
7h30 - 8h	Rio, a Cidade! Reprise	Rio, a Cidade! Inédito	Rio, a Cidade! Inédito	Rio, a Cidade! Inédito	Rio, a Cidade! Inédito	Rio, a Cidade! Inédito	Rio, a Cidade! Inédito
8h-9h	Tempo e clima	Tempo e clima	Tempo e clima	Tempo e clima	Tempo e clima	Juro que vi	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas
	Contos desfeitos	Contos desfeitos	Contos desfeitos	Contos desfeitos	Contos desfeitos	Aventuras cariocas	
9h-9h30	Um sonho de criança	Um sonho de criança	Um sonho de criança	Um sonho de criança	Um sonho de criança	Abrindo o Verbo Temas: Jongo (6), Rede Social da Música (13), Planetas (20), Futebol (27)	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas
	As formas do invisível	As formas do invisível	As formas do invisível	As formas do invisível	As formas do invisível	Crônicas da minha escola	
9h30-10h	Museu mutante	Museu mutante	Museu mutante	Museu mutante	Museu mutante	Abraço completo à infância	Documentário Nacional Temas: Brasil em Movimento – A Guerra Civil (7); A Civilização do Cacau (14); Papagaios Amarelos (21); A Civilização do Cacau (28)
	Lucas e Lucinda	Lucas e Lucinda	Lucas e Lucinda	Lucas e Lucinda	Lucas e Lucinda	Abraço completo à infância	
10h-10h30	A Rua do Zoo 64	A Rua do Zoo 64	A Rua do Zoo 64	A Rua do Zoo 64	A Rua do Zoo 64	Abraço completo à infância	Documentário Nacional Temas: Brasil em Movimento – A Guerra Civil (7); A Civilização do Cacau (14); Papagaios Amarelos (21); A Civilização do Cacau (28)
10h30-11h	Aqui no meu país	Aqui no meu país	Aqui no meu país	Aqui no meu país	Aqui no meu país	Abraço completo à infância	Documentário Nacional Temas: Brasil em Movimento – A Guerra Civil (7); A Civilização do Cacau (14); Papagaios Amarelos (21); A Civilização do Cacau (28)
	Abrindo o Verbo Temas: Jongo (1), Rede Social da Música (8), Planetas (15), Futebol (22), Animação (29)	Cantos do Rio Convidados: Orquestra Itiberê (2), Arranco de Vasóvia (9) Paulo Moska (16) Hermeto Paschoal (23) Hermínio Belo de Carvalho (30)	Encontros com a Mídia Convidados: Belisário Franca (3), Jorge Bodansky (10), Orlando Guilhon (17), Pedro Lessa (24)	Nós da Escola	Aventuras cariocas Juro que vi	Crônicas da minha escola	
11h-11h30	Noah e Saskia Série australiana	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Noah e Saskia Série australiana	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Noah e Saskia Série australiana	Criatividade	Uni Duni TV
	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	O mundo secreto dos jardins	Viajantes da História	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Shakespeare: histórias animadas	Memórias cariocas	
11h30-12h	Contos de fadas poloneses	Vamos brincar As religiões do mundo	Documentário Nacional Temas: Brasil em Movimento – A Guerra Civil (3); A Civilização do Cacau (10); Papagaios Amarelos (17); A Civilização do Cacau (24)	Ninguém merece	Viajantes da História	Gerúndio e Cacófato	A fórmula da série Uni Duni TV explora uma linguagem própria a crianças de três a seis anos de idade, utilizando os quatro núcleos conceituais da Multieducação – identidade, tempo, espaço e transformação – e os princípios – meio ambiente, trabalho, cultura e linguagem. Para isso, os programas trabalham questões como o multiculturalismo e estimulam a criança artisticamente. Cada programa aborda um tema, explorado nos quadros <i>Criança fala</i> , produzido dentro das escolas da Prefeitura, e <i>Tem gente</i> , uma brincadeira de palavras que abre possibilidades para a questão proposta. A diversidade cultural é trazida pelo quadro <i>Contação de histórias</i> , com narrativas dos quatro cantos do mundo.
	É tempo de diversão	Contos de Wilde	Documentário Nacional Temas: Brasil em Movimento – A Guerra Civil (3); A Civilização do Cacau (10); Papagaios Amarelos (17); A Civilização do Cacau (24)	Arte na galeria	Contos de Wilde	Conversa de criança	
12h-12h30	Reflets	Reflets	Reflets	Reflets	Br@nché (Língua Francesa)	Atletas do Rio	
12h30-13h	Uni Duni TV	Memórias cariocas	Abraço completo à infância	A arte em questão	Br@nché (Língua Francesa)	Atletas do Rio	
	Criatividade	Aventuras cariocas	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Crônicas da minha escola	Ninguém merece	Atletas do Rio	
13h-13h30	Nós da Escola	Juro que vi	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Crônicas da minha escola	Ninguém merece	Atletas do Rio	
	Rio, a Cidade! Reprise	Rio, a Cidade! Inédito	Rio, a Cidade! Inédito	Rio, a Cidade! Inédito	Rio, a Cidade! Inédito		

A árvore da sua
rua fica mais
saudável sem xixi.

Carioca gente boa
respeita e
preserva a cidade.



O nascimento de Vênus, Sandro Botticelli, 1483, têmpera sobre tela (172,5 x 278,5cm)



Mais sobre Botticelli na página 5 desta edição

NÓS DA ESCOLA
No próximo número:
Educação, teoria e prática